

FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ANA ISABEL LIMA RAMOS

ESCOLA PROJETO: UMA HISTÓRIA DE PRÁTICAS  
EDUCATIVAS E DE FORMAÇÃO  
(1988-2008)

PORTO ALEGRE  
2008

ANA ISABEL LIMA RAMOS

**ESCOLA PROJETO: UMA HISTÓRIA DE PRÁTICAS  
EDUCATIVAS E DE FORMAÇÃO  
(1988-2008)**

Dissertação apresentada como requisito para  
obtenção do grau de Mestre no Programa de  
Pós-Graduação em Educação da Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dr. Maria Helena Câmara Bastos

Porto Alegre  
2008

**Dados Internacionais de  
Catalogação na Publicação (CIP)**

R175E Ramos, Ana Isabel Lima  
Escola Projeto: uma história de práticas educativas e de formação docente (1988-2008) / Ana Isabel Lima Ramos. – Porto Alegre, 2008.  
193 f. : il.

Diss. (Mestrado) – Faculdade de Educação, Pós-Graduação em Educação, PUCRS.

Orientador: Dra. Maria Helena Câmara Bastos.

1. Professores - Formação Profissional. 2. Escola Projeto - História. 3. Educação Infantil. 4. Instituições Escolares – História. I. Título.

CDD 372.21

**Bibliotecário Responsável**

Ginamara Lima Jacques Pinto  
CRB 10/1204

ANA ISABEL LIMA RAMOS

**ESCOLA PROJETO: UMA HISTÓRIA DE PRÁTICAS  
EDUCATIVAS E DE FORMAÇÃO DOCENTE  
(1988-2008)**

Dissertação apresentada como requisito  
para obtenção do grau de Mestre no  
Programa de Pós-Graduação em  
Educação da Pontifícia Universidade  
Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Orientadora: Maria Helena Camara Bastos

---

Ana Lucia Freitas – PUCRS

---

Maria Carmem Silveira Barbosa – UFRGS

---

Maria da Graça Horn – UFRGS

---

Beatriz Daut Fischer – UNISINOS (parecer)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que, das formas mais diferentes, possíveis e complementares, me incentivaram a fazer as coisas que fiz.

Em especial, agradeço às colegas da Escola Projeto, com as quais aprendi e aprendo a ser professora.

Agradeço também às colegas que tive, na profissão que exerço há quase 25 anos, que me fizeram pensar sobre o trabalho docente, sempre no sentido de melhorá-lo.

Aos meus filhos, que foram os meus primeiros objetos de estudo e pesquisa. Eles me ensinaram que sempre vale a pena lutar para fazer aquilo que acreditamos ser o mais correto no momento.

Aos meus alunos, que me mostraram suas facetas mais interessantes, através das quais pude ensiná-los e aprender com eles.

De maneira muito especial, agradeço ao meu marido Luciano. Ele tem me acompanhado nessa jornada e veio complementar e endossar a minha tese intuitiva: “aprender e viver em paz são duas ações das quais não se pode abrir mão, pois são necessárias; sem elas não existe a possibilidade da felicidade”.

Agradeço também a todos os professores do Mestrado, especialmente minha orientadora Maria Helena Câmara Bastos, que me ensinaram, de modos diferentes, a importância do ensino e da pesquisa.

Aos meus irmãos, que foram sempre uma referência de vida.

Agradeço a minha avó Nayda, que teve coragem para viver e criar seus filhos, ensinando a todos, através de seu exemplo, sobre a sabedoria de viver.

À minha mãe, que me fez assim: curiosa e destemida.

Ao meu pai, meu primeiro amigo!



Foto tirada no *Museu da Cidade*, em Buenos Aires, em janeiro de 2007, com conjunto de brinquedos antigos da seção de Brinquedos do Museu

“As pessoas constituem o sentido maior de ter a escola!”

(AZEVEDO, 2007)

“As crianças constituem o sentido maior dos docentes!”

## RESUMO

A pesquisa analisa o processo de construção de uma instituição educacional particular de Porto Alegre-Escola Projeto (1988-2008). Desde sua fundação, atua com Educação Infantil e tem como meta a formação continuada de seus docentes e a construção de propostas pedagógicas, visando implementar uma metodologia de trabalho diferenciada. Atualmente, possui duas unidades de ensino, atuando também com o Ensino Fundamental até a quarta série. Os pressupostos que fundamentam as práticas da Escola Projeto estão baseados nos autores e teóricos que utilizam as linhas cognitivistas como premissa. A pesquisa em questão se debruçou sobre os documentos pedagógicos encontrados no arquivo escolar e depoimentos de sujeitos que, de alguma forma, participaram do processo de construção da escola. O estudo analisa as práticas educativas e sua abrangência em termos de formação contínua. Os depoimentos buscaram evidenciar as possibilidades de formação de alunos, docentes, funcionários e demais pessoas ligadas à instituição, dando um sentido bastante significativo ao potencial de pesquisa que emerge dos documentos materiais e circunstanciais, das pessoas, imagens e práticas observadas nessa instituição. A pesquisa ainda indica algumas perspectivas de estudo presentes no ambiente escolar e aponta para novos focos de pesquisa no que se refere à formação em serviço.

*Palavras-chave:* arquivo escolar, história de instituições escolares; escola projeto; formação de professores

## **ABSTRACT**

This research analyzes the building process of a private educational institution from Porto Alegre-ESCOLA PROJETO, (1988-2008). Since its foundation, it works with early childhood education, and aims at fostering continuous training of its teachers as well as developing its educational proposals, so to build up a unique approach to work. Currently it has two campuses, that encompasses nursery school, kindergarten and primary levels until the fourth grade. The assumptions underlying the practices of Escola Projeto are based on the authors and theorists who support the cognitive process. The research presented here has analyzed the school documents as well as testimonials from people who somehow participated in the process of building the school. The study examines the educational practices and its scope in terms of training. The testimonials considered in this research aim at highlighting the possibilities of building up students, teachers, staff and other persons linked to the institution, giving a meaningful sense to the research that emerges from the materials and circumstantial documents, persons, images and practices observed in this institution. The research intends not only to present the potentiality of study in the school environment but also to indicate new areas of research regarding in-service training.

*Keywords:* school archive , school institutions 's history; projeto school ; training of teachers



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo de caixas do arquivo escolar da Escola Projeto .....	38
Figura 2 – Foto referente a uma das prateleiras do arquivo de fotos da Escola Projeto .....	41
Figura 3 – Capa de um álbum com arquivo de fotos referente ao ano letivo de 2005 -1º semestre .....	41
Figura 4 – Detalhe de um álbum: além de fotos há o recolhimento e organização de materiais informativos sobre eventos do ano letivo.....	42
Figura 5 – Fitas de vídeo com filmagens de eventos da escola ou outros .....	42
Figura 6 – Arquivos digitalizados a partir de 2006 para conservação de imagens da Escola Projeto .....	43
Figura 7 – DVDs dos anos letivos e turmas da Escola Infantil e Ensino Fundamental .....	43
Figura 8 – Arquivo escolar organizado por temas administrativos .....	43
Figura 9 – Arquivo escolar com as fichas de alunos por turma .....	44
Figura 10 – Ata de reunião administrativa utilizada nas reuniões de estudo para a preparação do documento chamado PPP- Proposta Político-Pedagógica da Escola Projeto .....	49
Figura 11 – Ata de reunião com outras escolas visando a formação de um Centro de Estudos sobre Educação-frente do documento .....	50
Figura 12 – Ata de reunião com outras escolas visando a formação de um Centro de Estudos sobre Educação-verso do documento.....	51
Figura 13 – Ata de reunião com especialistas.....	52
Figura 14 – Ata de reunião individual .....	53
Figura 15 – Ata de reunião geral .....	54
Figura 16 – Ata de reunião individual com as famílias .....	55
Figura 17– Registro da tabulação feita pelos professores a partir da avaliação da escola feita pelos pais .....	56
Figura 18 – Cronograma de reuniões mensais-registro dos conteúdos, atividades e ações de formação em serviço da Escola.....	57

Figura 19 – Grade de planejamento semanal feita pelos professores .....	59
Figura 20 – Fotos das duas unidades da escola .....	61
Figura 21 – Entrada da Escola All Saints Church of England Primary School .....	63
Figura 22 – Sala de aula com materiais interativos .....	64
Figura 23 – Sala de aula com painéis explicativos sobre projetos de estudo .....	64
Figura 24– Sala de aula com computador e mesas para trabalhos em grupo .....	65
Figura 25 – Diferentes espaços pedagógicos na sala de aula .....	65
Figura 26 – Prateleiras de livros e painéis de estudos .....	66
Figura 27 – Sumário da Proposta Político Pedagógica da Escola Projeto .....	82
Figura 28 – Sumário da Proposta Pedagógica .....	87
Figura 29 –Unidade 1 após a reforma no layout da fachada.....	90
Figura 30 – Hall de entrada da Unidade 1, com vista da porta de acesso ao andar térreo, escada que leva ao andar superior e o aquário .....	91
Figura 31 – Corredor de acesso à secretaria com reproduções de ilustrações feitas por artistas plásticos, ilustradores de livros da Editora Projeto.....	91
Figura 32 – Foto das Unidades 1 e 2 da Escola Projeto .....	92
Figura 33 – Sala do Grupo 1 - vista de frente.....	93
Figura 34 – Sala do Grupo 1 - outro ângulo .....	94
Figura 35 – Sala do grupo 2 .....	94
Figura 36 – Sala do grupo 2 outro ângulo .....	95
Figura 37 – Sala do grupo 3-crianças jogando no momento de atividades livres .....	95
Figura 38 – Sala do grupo 3 - outro ângulo .....	96
Figura 39 – Crianças em roda de leitura na sala do grupo 4 A .....	97
Figura 40 – Sala do grupo 4 B- crianças em roda de conversa.....	97
Figura 41 – Sala de aula primeira série - Unidade 2 .....	98
Figura 42 – Sala de aula de segunda série na qual aparecem materiais dos alunos e produções.....	99

Figura 43 – Sala de aula da terceira série com produções dos alunos.....	99
Figura 44 – Sala de aula da quarta série com produções dos alunos.....	100
Figura 45 – Sala de aula da quarta série com produções dos alunos.....	101
Figura 46 – Sala de Informática - Unidade 2.....	101
Figura 47 – Sala de Música e Teatro-Unidade 2.....	102
Figura 48 – Biblioteca Lygia Bojunga Nunes-Unidade 1 .....	103
Figura 49 – Biblioteca vista de outro ângulo-Unidade 1 .....	103
Figura 50 – Biblioteca-Espaço Os colegas-Unidade 2 .....	104
Figura 51 – Auditório arrumado em forma de U para uma reunião de pais com palestrante .....	107
Figura 52 – Pátio da Unidade 1 depois de sua reforma .....	108
Figura 53 – Brinquedo de madeira adquirido pela escola na época de reforma para ampliar as possibilidades de uso do espaço.....	109
Figura 54 – Quadra escolar da Unidade 1 .....	110
Figura 55 – Horta Escolar da Unidade 1 .....	110
Figura 56 – Secretaria Unidade 1.....	111
Figura 57 – Sala dos Professores Unidade 2.....	112
Figura 58 – Sala da Direção-Unidade 1 .....	114
Figura 59 – Sala da Direção Unidade 2 .....	115
Figura 60 – Sala da coordenação de 1ª e 3ª séries .....	116
Figura 61 – Sala da coordenação de 2ª e 4ª séries .....	116
Figura 62 – Sala da Coordenação da Educação Infantil .....	117
Figura 63 – Banheiro para meninas da Unidade 2.....	118
Figura 64 – Banheiro do grupo 1 da Unidade 1.....	118
Figura 65 – Banheiro para meninos e meninas da Unidade 1 no andar térreo .....	119
Figura 66 – Cozinha Unidade 1.....	120

Figura 67 – Refeitório da Unidade 2.....	120
Figura 68 – Saionara Fortunato - funcionária da escola desde 1988.....	129
Figura 69 – Reunião com ex-alunos para organização da Festa de 20 anos da Escola Projeto.....	138
Figura 70 – Modelo de um dos polígrafos utilizados nas reuniões de estudo e montagem do PPP.....	143
Figura 71 – Modelo de parecer descritivo de avaliação, utilizado nos primeiros anos da Escola Projeto.....	146
Figura 72 – Registro da avaliação da escola feita pelos professores.....	148
Figura 73 – Ata de reunião do grupo operativo.....	150
Figura 74 – Modelo de seminário de Estudos-ano 1994.....	155
Figura 75 – Modelo de protocolo de avaliação sobre a alfabetização.....	164
Figura 76 – Modelo de uma ficha de Conselho de Classe-Educação Infantil.....	167
Figura 77 – Modelo de ficha de Pré-conselho.....	168
Figura 78 – Planejamento de um grupo de apoio.....	170
Figura 79 – Obra de Amílcar de Castro.....	172
Figura 80 – Pintura ao ar livre.....	173
Figura 81 – Crianças do G1/2205.....	173

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Referência com Modelos de Documentos Elaborados Pela Escola Projeto-1988-1995 .....	45
Quadro 2 – Sábados Culturais .....	106
Quadro 3 – Demonstrativo de pessoas do setor Administrativo da Escola Projeto.	111
Quadro 4 – Organograma da Escola Projeto .....	113
Quadro 5 – Coordenações Pedagógicas de Estagiárias e Monitoras .....	117
Quadro 6 – Alunos, Turmas e Professores .....	122
Quadro 7 – Número de Turmas e de Alunos por anos Letivos.....	133
Quadro 8 – Cronograma de reuniões Pedagógicas de 2004 .....	159
Quadro 9 – Quadro Cronológico do Curso.....	175

## SUMÁRIO

### LISTA DE FIGURAS

### LISTA DE QUADROS

<b>1</b>	<b>ESCOLA PROJETO .....</b>	<b>13</b>
1.1	ESCOLA PROJETO E EU .....	13
1.2	A EXPERIÊNCIA INICIAL NA ESCOLA PROJETO .....	24
<b>2</b>	<b>A PESQUISA .....</b>	<b>32</b>
2.1	PROBLEMA DE PESQUISA .....	32
2.2	OBJETIVOS .....	33
2.3	METODOLOGIA .....	33
2.4	O ARQUIVO .....	37
<b>3</b>	<b>A ESCOLA PROJETO.....</b>	<b>61</b>
3.1	HISTÓRIA .....	61
3.2	PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO.....	76
3.3	ESPAÇO .....	89
3.3.1	Localização .....	89
3.3.2	Salas de aula.....	92
3.3.3	Salas de Atividades .....	101
3.3.4	Bibliotecas e Auditório.....	102
3.3.5	Pátios e Quadras de esporte .....	107
3.3.6	Setores Administrativos .....	111
3.3.7	Banheiros, cozinha e refeitório .....	118
3.4	CORPO DOCENTE.....	121
3.5	FUNCIONÁRIOS.....	129
3.6	ALUNOS .....	132
3.7	PAIS DE ALUNOS.....	139
<b>4</b>	<b>A ESCOLA PROJETO E A FORMAÇÃO DA EQUIPE DOCENTE .....</b>	<b>142</b>
4.1	REUNIÕES DE FORMAÇÃO .....	157
4.2	EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS.....	161
4.3	FORMAS DE AVALIAÇÃO .....	165
<b>5</b>	<b>REFLEXÕES POSSÍVEIS .....</b>	<b>180</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>190</b>

# 1 ESCOLA PROJETO

## 1.1 ESCOLA PROJETO E EU

A minha mãe era professora primária. Escutei muitas histórias sobre suas primeiras experiências como docente, em pequenas escolas de madeira na periferia de Canoas. Vivi uma infância solitária. Eu ficava com a empregada, enquanto meus pais trabalhavam o dia todo. Meu pai era militar e tinha muita disciplina para o trabalho. Eu tinha alguns livros de histórias, gostava de estudar e de fazer trabalhos domésticos e manuais. Minha irmã, oito anos mais nova, foi minha boneca mais querida. Meu irmão era muito tímido e quase não falava comigo. Fui também uma criança tímida. Tinha dificuldades para expressar meus sentimentos.

Cresci no tamanho, mas, às vezes, me sinto como se fosse ainda criança. Hoje quando penso sobre essa parte de minha vida, vejo que talvez tenha me constituído professora de educação infantil para reencontrar a criança que fui e poder acolhê-la, de alguma forma, cuidá-la ou fazê-la crescer. Creio que faço isso todos os dias entrando na sala de aula ou iniciando uma nova proposta com os professores que trabalho na equipe de coordenação pedagógica, na Escola Projeto.

Cada aluno traz o seu “guarda-chuva” pessoal e procuro estimular a todos para que o pendurem no local mais adequado. Lembro que, ao iniciar na escola maternal, precisei do guarda-chuva do meu pai para suportar ficar sozinha durante a aula. Desde pequena, ouvi minha mãe dizer que meu pai deixava o seu guarda-chuva na escola para que eu não chorasse. Essa lembrança me faz refletir em relação ao afeto e à cognição, elementos que estão intimamente ligados e são determinantes em nossa vida.

Segundo Mosquera (2006, p. 103), a afetividade e a cognição se relacionam. É de suma importância o reconhecimento da afetividade e da subjetividade como influenciadores da formação da auto-estima da pessoa: “Os educadores são pessoas que também estão em desenvolvimento e que precisam continuamente educar-se, para poder melhor educar” (p. 109).

Sua percepção em relação ao desenvolvimento emocional do adulto coloca em destaque a linguagem como sendo a forma de ligação entre o EU e a sociedade.

Assim, também percebo que a afetividade e a busca de auto-estima são formas de manifestação do desenvolvimento profissional do docente, influenciando e sendo influenciadas por ele.

Permeada por essa referência, constato que a trajetória profissional que construí foi sempre trilhada a partir de grandes desafios e movimentos afetivos. O primeiro emprego, aos 17 anos, foi como coordenadora pedagógica de uma creche assistencial, o Lar do Menor Mensageiros da Luz, situada no bairro Petrópolis e mantida pelo Lions Club. Foi uma oportunidade que tive, a partir de uma indicação, em função de estar, nessa época, terminando o curso normal. A pessoa que era responsável pela instituição conhecia uma colega da minha mãe que trabalhava na Secretaria Estadual de Educação, junto com ela. A partir disso, trabalhei nessa escola, durante três meses, orientando as atendentes que ficavam com as crianças de três meses a seis anos, em relação à questão pedagógica, à organização dos espaços e o modo de trabalhar com as crianças. Desde cedo, portanto, tive experiências voltadas para a Educação Infantil, já me sentia profundamente identificada com as crianças pequenas e com essa etapa de escolaridade. Na verdade eu só fiz o curso normal porque meus pais não deixaram que eu estudasse de noite. O que eu originalmente queria fazer era o curso de atendente de creche, o qual era oferecido pelo Instituto de Educação General Flores da Cunha, porém, no turno da noite. Mas, como eu só tinha 14 anos, ao ingressar no ensino médio, não pude frequentá-lo. Creio que minha vida foi determinada por essa primeira experiência profissional. Conforme Mosquera:

Toda nossa vida é uma justificativa para poder dar significado a cada momento vital, então o processo pedagógico não pode estar desprovido de afetividade e de cognição, não se pode ignorar que a construção da singularidade humana se dá, sem dúvida, através do processo da semelhança humana, da identificação com o ser humano (2006, p. 116).

A experiência realizada na creche assistencial foi marcante, eu adorava a idéia de ir para aquele lugar e trabalhar, assumindo desde já uma postura profissional. Estudava de tarde e de noite e estava sempre bem disposta. Mesmo assim, devido aos horários do meu curso na UFRGS (na época, eu fazia Ciências Biológicas), tive que interromper essa atividade, porém sempre guardando na memória as experiências vividas e o quanto aqueles dias de dúvidas e convicções foram gratificantes.



No ano seguinte, com 18 anos, ingressei em uma escola infantil de Porto Alegre<sup>1</sup>, indicada por uma colega que tive no curso normal, atuando como professora de crianças de três anos. Aprendi muito com as profissionais dessa escola. Trabalhei durante três anos com turmas de maternal. Na época, pude conhecer melhor alguns livros de Piaget, dos quais havia tido notícias breves durante o curso de magistério; tive orientações na área da psicologia relacional, aprendi a fazer estudos de caso, participei de reuniões, cursos e palestras. Aprendi a fazer teatro, a cantar e desenvolver a criatividade. Através do lúdico, aprendi sobre a complexidade de ser educadora infantil e também cresci como pessoa. Essa experiência foi significativa e determinante no sentido de oportunizar um sentimento de comprometimento com o ensino. Permaneci, a partir dela, sempre desafiada pelo potencial das crianças pequenas. Eu, realmente, estava apaixonada pela minha profissão, apesar de estar apenas iniciando.

A partir desse contexto inicial, algum tempo depois minha vida virou do avesso. Em 1985, mudei de curso: passei para a Pedagogia; logo em seguida engravidei; primeiro da Anna e depois do Francisco, hoje com 23 e 20 anos, respectivamente. Em 1986, saí da escola Pato Donald e montei uma escola infantil, tendo como sócia uma colega que conheci na escola anterior. Em pouco tempo me tornei mãe e micro-empresária. Vivi tudo isso de forma rápida e com apenas 20 anos já era responsável por muitas coisas, ao mesmo tempo. A partir dessa nova realidade, passei por momentos intensos; amadureci aos trancos e barrancos. Cresci de repente para poder dar conta de todas as tarefas, às quais me propus. No ano seguinte, saí de casa e fui morar sozinha com a minha filha.

Hoje consigo entender que a vida se coloca de diferentes formas para diferentes pessoas. Cada uma dessas formas vai imprimindo novas experiências e novas posturas. Tive uma relação afetiva difícil e conturbada, a qual acabou depois de muito tempo. Foi um alívio. Demorei 20 anos para entender e me perdoar, compreendendo que o que aconteceu comigo não foi um erro nem algo que eu tivesse que me envergonhar. Foi apenas a vida, que estava passando por mim, me ensinando a vivê-la e da qual eu jamais abriria mão.

---

<sup>1</sup> Escola Maternal e Jardim de Infância Pato Donald  
Essa escola existe há mais de 40 anos em Porto Alegre ; trabalha apenas com Educação Infantil; é uma escola diferenciada pela proposta pedagógica alternativa

Relatei esses fatos mais pessoais, tentando reconstituir um pouco o contexto de formação da minha vida profissional inicial, um tanto agitada, mas, desafiadora, ou somente para poder explicar ou tentar iniciar o relato sobre o que significa a minha relação com a Escola Projeto.

A Escola Projeto foi fundada por quatro irmãs, sendo que uma delas foi minha colega no curso normal. Ao longo do curso, nos tornamos muito amigas. Na época da fundação da Escola Projeto, uns meses antes, a Annete me entrevistou durante a montagem do projeto político-pedagógico. As perguntas que me fez, acredito que tentavam apontar para aspectos sobre a qualidade de ensino, sobre alguns diferenciais que são necessários para essa qualidade existir, sobre as expectativas que os pais e mães têm em relação à escola que desejam para seus filhos, assim como a relação entre as idéias novas de escola, nascida dos referenciais da época (Escola Nova e o Construtivismo). Como eu era mãe, fiquei curiosa para saber se esse tipo de escola era mesmo possível. A curiosidade foi uma característica que eu desenvolvi muito ao longo da vida, mas, confesso que nessa época já era bem grande. Creio que essa característica me acompanhou durante todos os momentos da minha vida: curiosidade diante do futuro, em especial no que se refere às crianças pequenas.

Depois que meus filhos cresceram um pouco, vendi a escola da qual eu era sócia (Pinto Calçudo), e terminei a faculdade de Pedagogia, pois havia interrompido quando o meu segundo filho nasceu. No ano de 1994, concluí o curso de Pedagogia em Educação Infantil e resolvi participar da seleção de professores para ingressar, disputando uma vaga com mais 24 professoras, na Escola Projeto. Creio que tive muitas razões para isso, mas, uma delas certamente foi influenciada pela minha vida afetiva, a qual era complicada, difícil. O trabalho, o estudo, a dedicação aos projetos educacionais eram, pois, partes da minha vida que davam certo. Sendo assim eu investia bastante nessa área, me mobilizando muito diante de cada nova possibilidade profissional. Segundo Mosquera (2006, p. 115), é necessário reconhecer que a cognição e a afetividade dão real sentido e nos ajudam a promover e a projetar nossa própria pessoa no cenário da vida, dirigindo-nos para a mudança, para o futuro. Começar uma nova etapa da minha vida, já formada na universidade, nessa escola, foi determinante em minha trajetória profissional e de certo modo ajudou na construção de minha auto-estima.

Na faculdade de Pedagogia da UFRGS, na década de 90, conheci diversos autores que trabalharam com idéias e teorias que orientam a prática educativa como Paulo Freire, Piaget, Vygotsky, Wallon, Emilia Ferreiro, Ana Cristina Rangel, Jussara Hoffmann. A partir deles, fui construindo uma série de procedimentos e crenças importantes relacionadas com a prática na sala de aula. Conheci também autores que discutiam as linhas pedagógicas, as filosofias e métodos de pesquisa, falavam sobre a resistência e sobre mudanças na educação. Cada disciplina, cada livro trabalhado, cada experiência vivida e registrada, era significativa e acrescentava novos elementos de reflexão sobre o que eu fazia no dia-a-dia.

O fato de estar sempre trabalhando, ao longo da vida universitária, foi muito importante para que desenvolvesse uma postura investigativa, pois tudo que pensávamos ou fazíamos na universidade, de algum modo podia ser observado ou desenvolvido no trabalho diário. Esse exercício de pensar sobre a prática foi aguçando cada vez mais o meu espírito científico e investigativo, a minha vontade de aprofundar os conceitos, de rever situações didáticas, no sentido de sempre oportunizar às crianças momentos significativos de aprendizagem. Ver na pesquisa de sala de aula um meio de aprofundar, relativizar, comprovar e construir conhecimentos. Algo nessas situações era o fio condutor, mas ainda não conseguia formalizar alguma questão sobre isso. Tinha uma percepção que apontava na direção da necessidade de estudos. Mas estudar o que especificamente? Fui me aprofundando, por intuição, nas questões do desenvolvimento lógico-matemático e na psicogênese da linguagem escrita. Esses estudos me levaram a aprofundar também o desenvolvimento gráfico, plástico e escultórico das crianças pequenas. As disciplinas que mais me fascinavam eram, porém, àquelas que lidavam com o desenvolvimento humano nos primeiros anos de vida. Ficava apaixonada analisando os níveis pelos quais o bebê percorre seu desenvolvimento físico, motor, emocional, social. Estudando isso nos livros e observando meus filhos.

Como mãe e estudante, ao mesmo tempo, pude experimentar, ao longo do curso de Pedagogia, a sensação de vivenciar a cada etapa de desenvolvimento dos meus filhos, a possibilidade de relacionar teorias com a prática, de forma muito significativa. Isso muitas vezes foi visto como algo negativo e tendencioso por parte de algumas colegas que viam na situação de observação dos filhos, algo distante da realidade que teríamos nas escolas. Mas, mesmo recebendo esse tipo de comentário ou informação, tive sempre uma crença muito grande na capacidade das

crianças e muita curiosidade para compreendê-las. No seu livro *Liberdade sem Medo* (1980), A. S. Neill analisa seus princípios de ação os quais são baseados no fato de que as crianças para se desenvolverem precisam ter felicidade e isso significa estar interessado na vida. Este talvez tenha sido o maior motivo que me levou a participar da seleção na escola Projeto. Eu tinha muito interesse em continuar estudando, mesmo sendo já formada. Escutava comentários de professores da Universidade de que nessa escola havia uma proposta de trabalho construtivista e que um dos pressupostos básicos da linha pedagógica adotada pela escola era a relação muito significativa que procuravam desenvolver entre teoria e prática.

Esse interesse pelo estudo e pela necessidade de qualificar a prática docente teve muitas origens, mas, uma delas, posso afirmar, veio da influência e dos comentários que eu escutava a minha mãe fazer sobre colegas que contavam os dias para a chegada da aposentadoria, fazendo de sua trajetória profissional um verdadeiro calvário. Isso me deixava deprimida. Por que eu estava sempre disposta e motivada? Seria porque estava em início de carreira? Eu queria estudar sempre para que não me deixasse levar pela rotina e pelo desânimo, essa era minha tese intuitiva: o estudo e a reflexão puxam o educador para fora do turbilhão do dia-a-dia e fazem com que ele possa ser um pesquisador ativo capaz de modificar o futuro.

Também busco apoio em Paulo Freire (1996, p. 95), quando diz: “como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino”.

Partindo dessa idéia, analiso hoje a forma de encarar a profissão e os desafios inerentes, encontrando uma atitude de enfrentamento desses desafios constante. Eu nunca fui de aceitar a realidade passivamente. Colocava sempre em discordância o natural, o “sempre foi assim”, o que não tem jeito. Lembro quando minha avó contava que a minha mãe conheceu o meu pai em cima de uma árvore, quando estava brincando. Acho que muitas vezes me espelhei nessa imagem e subi em muitas árvores para protestar contra a imobilidade e a inércia provocada pela falta de pensamento crítico e de perspectivas em relação ao ensino e à educação. Considero esse sempre o primeiro passo na busca de ideais em termos de educação: não aceitar o que está dado e sim, buscar construir algo novo.

Permaneci curiosa e obstinada durante todo o tempo em que cursava a Pedagogia e no ano de conclusão do curso, e antes também, tive contato com a

Escola Projeto. Lembro que fiz um trabalho, na disciplina de mercado profissional, observando uma aula e analisando o documento da proposta pedagógica da escola, percebendo coerências e tensões. Eu sabia que ela existia há cinco anos. E esse nome, no meu ponto de vista, representa justamente o encontro entre os conteúdos e os significados que as fundadoras conseguiram pesquisar nas entrevistas que realizaram com diferentes pessoas, relacionados com os anseios que já tinham, sendo todas professoras, de inventar, de criar, de jogar para frente algo que não existia, apostando num futuro a ser ainda construído. De acordo com o dicionário, podemos trabalhar e pensar a partir de várias definições da palavra projeto: plano para a realização de um ato; desígnio, intenção; empreendimento. Todas elas, ou nenhuma delas, isoladamente, podem explicar o que significa esta palavra e qual a relação que ela estabelece no imaginário das pessoas que trabalham com educação.

Talvez a vontade de fazer essa dissertação de mestrado seja justamente a de colocar em palavras o que significa para mim o trabalho que foi empreendido e inventado pela equipe que nessa escola se constituiu. Não sei se quero reconstruir a história da escola, por que acredito na possibilidade de trabalho que ela construiu e inventou, ou se quero reconstruir minha própria história, utilizando esse material como modo de interlocução. O que sei é que, ao longo dos anos em que venho participando deste projeto, minha vida tem sido constituída, modificada, enriquecida pelas aprendizagens do dia-a-dia. De acordo com Josso:

narrativas de vida contam itinerários ao longo dos quais os autores qualificam as suas experiências de vida, classificando-as , quer em períodos felizes, quer em períodos psíquica ou fisicamente dolorosos. A vida humana apresenta-se pois de forma ininterrupta nesta dialética do bem estar e do sofrimento. É no incessante retorno deste “jogo de io iô” que emerge uma posição existencial mais ou menos ativa para tentar uma saída, se ela for pensada como possível, e para ir à descoberta de uma nova maneira de “governar” a própria existência, nova maneira essa considerada a melhor para amortecer os impactos, muitas vezes perturbadores, dessa dialética (2004, p. 87-88).

Quando iniciei o curso de Mestrado, vivenciando esta dialética, agora em uma fase da minha vida mais feliz, experimentando maiores realizações, percebi que as experiências anteriores iriam ser justificativas para aprofundar os conhecimentos que tinha, rumo a novos referenciais. Meus professores e as disciplinas cursadas ajudaram a mostrar a riqueza da experiência docente e a necessidade da pesquisa

como um meio de encontro entre as práticas vividas e os focos de reflexão e aprofundamento. Uma disciplina muito desafiante e contundente foi a da Professora Marília Morosini: Professorado, Educação e Saberes. Nesta disciplina, tive contato com diversos autores que teorizam a prática docente e mapeiam as experiências dos professores, apontando-as como o meio no qual acontece a formação contínua. Esses autores, e entre eles destaco Tardif e Nóvoa, registram com clareza a riqueza que as experiências docentes podem revelar e apontam para uma necessidade de manifestação dessas experiências através da pesquisa e da socialização, nos meios acadêmicos e escolares, sugerindo que essa socialização é uma das formas de transformação da realidade docente.

Outra disciplina que também ampliou a compreensão em relação à experiência docente foi Hermenêutica, Filosofia e Educação, com a professora Nadja Hermann. Essa disciplina introduziu um novo horizonte de possibilidades, fez com que a percepção sobre as diferentes experiências e realidades que tive contato até então fizessem um novo sentido, na medida em que foram sendo retomadas e refletidas à luz de novas referências, mais amplas, mais abertas no que se refere à multiplicidade de conceitos e teorias que encerram. Fiquei muito feliz de estar nessa experiência, de ter aceitado o desafio do Mestrado, de continuar refletindo sobre a prática, buscando a compreensão a partir de sua complexidade.

Em função da disciplina do professor Mosquera, reli o livro de A. S. Neill, *Liberdade sem Medo*, e observando os seus princípios de trabalho, percebo que as histórias em educação, assim como as histórias em geral, na literatura, percorrem círculos infundáveis. Observo nos princípios da escola Summerhill as palavras desenvolvimento intelectual e emocional, necessidades psíquicas, disciplina, independência, autonomia, liberdade e felicidade. Princípios que hoje e sempre deveriam reger a forma de educar as crianças baseados em seu potencial infinito. E tais princípios, representam a razão de ser tão importante explicitar como uma experiência pedagógica consistente pode ser fator de mudança e de construção de práticas de formação docente coerentes e desafiadoras.

Lembro que comecei a fazer parte da equipe pedagógica da Escola Projeto no ano de 1994, quando fui selecionada, não por indicação, mas pela minha capacidade de apropriação de alguns elementos da prática profissional, visto que realizei entrevista coletiva, individual, a prática de ensino e o relato de experiência a partir da aula realizada. Essa era a forma de seleção adotada pela escola.

Muitas vezes, depois de já estar trabalhando na escola, as pessoas com as quais eu tinha algum tipo de contato, em diferentes situações, me perguntavam se eu trabalhava na escola por ter sido indicada pela minha amiga de infância, e eu com muita tranquilidade e convicção, fruto de um trabalho interno de reflexão constante sobre a vida profissional, dizia que não, argumentando que ela não sabia, quando fiz a seleção, que eu seria uma das candidatas.

Na Escola Projeto, inicialmente, trabalhei com uma turma de maternal um, ensinando e aprendendo junto com as crianças de apenas 2 anos de idade. Essa experiência foi muito marcante, eu tinha sempre sonhado trabalhar em uma escola dinâmica, moderna, com recursos, com equipe pedagógica, com ideais, com metas, com planejamento e sistemática de formação em serviço. Ideais esses que eu havia aprendido em teoria durante minha formação no magistério e na universidade. A Escola Projeto tinha tudo isso e me parecia, na época, que conseguia traduzir alguns princípios teóricos em práticas pedagógicas. Por outro lado, estava estreitamente ligada a uma editora de livros infanto-juvenis, a Editora Projeto, a partir da qual e em função das experiências vividas em suas ações e eventos realizados, percebi e pude aprender muito sobre a possibilidade de refletir questões inerentes à literatura infantil e à cultura em geral, pertinentes e constitutivas de minha formação subsequente. A Editora Projeto foi fundada e é dirigida pela minha colega e amiga da Escola Normal, Annete Baldi.

É possível perceber essa relação de trocas e de constituição mútua no texto que se encontra no site da Escola Projeto que fala sobre a Editora:

fundamos a Editora (1992), em uma data escolhida com todo o cuidado: o dia 2 de abril, data de nascimento de Hans Christian Andersen, quando o mundo celebra o Dia Internacional do Livro Infantil. Era mais uma vez a realização de um desejo: fazer poucos livros, mas livros que fizessem muita diferença! Nosso lema tanto para os alunos da nossa escola quanto para os leitores de nossos livros tem sido e será sempre o "Ler é pra cima", pois acreditamos que a leitura faz o ser humano crescer (por dentro, queremos dizer) e o torna mais feliz (por dentro e também por fora). Lendo, avançamos. Vamos além, podemos ver mais do que antes. As idéias sobre o mundo se ampliam e podemos imaginar muito mais coisas, lugares e pessoas do que antes. É como disse um poeta muito antigo, chamado Menandro (séc. IV a. C): "Aqueles que podem ler, vêem duas vezes melhor." Nossas publicações são dirigidas às crianças e aos adolescentes, mas temos certeza que pessoas de qualquer idade gostarão de ler os nossos livros!

Esse fragmento explicita de maneira objetiva a ênfase que é dada à qualidade dos textos publicados pela Editora Projeto.<sup>2</sup>

Sempre sugiro aos professores com os quais trabalho, seja no Ensino Público, na Universidade ou no Ensino Particular, que visitem o site e conheçam o catálogo da Editora para perceber a riqueza dos títulos e a forma de organização das ações de divulgação e formação de educadores e leitores desenvolvida por essa editora. Com isso acredito e reitero que as possibilidades de trabalho em educação são imensas, porém devem sempre seguir uma lógica coerente, baseada em princípios possíveis, para que seus resultados se traduzam em uma verdadeira práxis.

Pude vivenciar experiências marcantes, aprender no dia-a-dia sobre a importância da qualidade do ensino e da cultura, como fins em si mesmos. Aspectos que eu havia observado ao longo dos anos de faculdade e constatado como necessários para integrar uma estrutura de funcionamento coerente com uma escola produtiva. Sob o meu de vista, acontecia efetivamente, apesar dos obstáculos e limites; percebia que podia existir uma proposta que se construía a cada dia, a qual por sua natureza sistêmica poderia ser reavaliada constantemente. Isso oportunizava a construção de espaços de reflexão sobre a prática, fazendo com que atividade docente continuasse a ser para mim um estado de desafio constante e de felicidade.

Encontrava no trabalho um lugar de bem estar e de realização profissional. Sentia que estava numa posição privilegiada, pois, a partir da estrutura prevista e implementada pela escola, não era possível deixar a “peteca cair”, como normalmente se ouvia falar, nos tempos em que estávamos na universidade. Infelizmente essa realidade, para muitos, é a encontrada quando se deixa para trás a faculdade e inicia-se a vida profissional. Segundo Contreras (1997, p 148), autonomia profissional é compreendida sob o ponto de vista da reivindicação trabalhista paralelamente às condições de oportunidade para que a prática possa ocorrer de acordo com determinados valores educacionais. Esses valores, por sua vez, não podem ser princípios teóricos, despregados da prática, pois dessa forma não se sustentam.

---

<sup>2</sup> Visite o Web site da Editora Projeto: <http://www.editoraprojeto.com.br>

No site pode-se acessar os títulos e os conteúdos de cada publicação; o catálogo da Editora é formado por livros de literatura infantil e infanto-juvenil; há também a publicação Revista de Educação voltada para professores.



O olhar que lançava sobre a prática, nessa escola, me indicava que as condições de trabalho eram justas e representavam uma possibilidade de formação permanente, objeto de estudo de alguns teóricos e busca como ideal de muitos dirigentes educacionais.

Foi a partir de inúmeras experiências vividas que comecei a entender um pouco sobre o que acontecia com os professores que não têm as mesmas oportunidades de formação em serviço e então passei a brigar menos com eles e compreender mais os processos de ensino e de aprendizagem das crianças, as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia escolar e, basicamente, a importância da pesquisa na vida de um professor.

Não mencionei, mas durante a faculdade trabalhei no ensino Estadual e minhas brigas (internas e externas, explícitas e implícitas) eram em função de ficar muito impaciente com a postura que observava nas colegas de profissão que encontrava nas escolas estaduais. Era uma postura acomodada, sem interesse pelo ato de ensinar e pelos alunos. Postura essa que depois pude compreender melhor, analisando os elementos que a constituem e seus desdobramentos no transcurso da minha vida acadêmica. Nesse meio, do magistério público estadual, era um ser estranho, de certa forma tinha uma postura muito incômoda para elas, pois, vibrava com os meus alunos, gostava de dar aulas e era entusiasmada pela profissão de docente. Porém, sempre escutei que isso se devia aos meus 24 anos, a minha pouca experiência, a minha falta de visão do todo e da situação em geral das escolas e do ensino público. Essa realidade durou apenas seis anos, graças a capacidade que temos de transformar os desafios em possibilidades. Depois dessa época, fiquei durante um tempo só no ensino particular. Voltei para o ensino público, em 1999, atuando agora nas escolas infantis municipais, mas, para relatar a riqueza dessas experiências seria necessário fazer uma ou mais dissertações.

Segundo Contreras (1997, p. 152), a autonomia profissional é “um processo dinâmico de definição e constituição pessoal de quem somos como profissionais”. Essa definição se dá na prática, no encontro com outras pessoas e setores envolvidos. Minha trajetória profissional foi permeada pelas experiências e oportunidades que tive ao longo dos anos de prática e formação continuada, na vida em geral, nas escolas que trabalhei, e, em especial, na Escola Projeto.

Através de inúmeras vias, foi se constituindo no meu referencial de docente um pano de fundo, um mosaico ou um quebra-cabeça de possibilidades de ver a educação e a profissão docente com uma grande janela, permanentemente aberta.

## 1.2 A EXPERIÊNCIA INICIAL NA ESCOLA PROJETO

Em 1994, ingressei na Escola Projeto, atuei como professora durante três anos em classes de maternal um e dois (grupos de crianças com dois ou três anos). Minha vida, nessa época, era um verdadeiro turbilhão formado pelas categorias: trabalhar-estudar-refletir-observar-aprender. Em ritmo alucinante. Cada dia na escola era um desafio a ser construído. Esse desafio surgia a partir dos livros, textos, vídeos, palestras, cursos, materiais pedagógicos, crianças, pais, outros professores, conversas, perguntas, planos, resultados, olhares, desafios. O ritmo era intenso, não se repetia nem se tornava enfadonho. Cada novo desafio abria inúmeras possibilidades. Eu continuava a acreditar na educação e na capacidade que as pessoas têm de aprender. Concordo com Paulo Freire quando diz, em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (1996), que “pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem, que se pode melhorar a próxima prática”. Era isso que observava nas reuniões de estudos e de orientações: havia uma reflexão que era desencadeada pelas leituras, pelos materiais que eram oferecidos, pelo aproveitamento das vivências; pelas experiências e situações que buscávamos no dia-a-dia e relacionávamos entre si e com novas práticas. Esse movimento, acredito, foi constante e originou uma forma de olhar para as situações cotidianas sempre com uma postura investigativa, capaz de fazer com que as questões da sala de aula fossem analisadas e encaminhadas com critérios específicos, relativos aos conteúdos ou objetos de conhecimento aos quais ou com os quais se relacionavam. Essa maneira de encarar o ato educativo é, segundo vários autores, uma forma de equacioná-los criticamente. Revela a possibilidade da pesquisa, como instrumental potente em relação à construção de novos conhecimentos.

A partir dessa experiência na sala de aula, depois de algum tempo, fui convidada pela equipe pedagógica da escola para assumir a coordenação pedagógica da etapa da educação infantil, tarefa que realizo até hoje. Acredito que

esse convite veio em decorrência da postura acima mencionada, pela qual procurei sempre explicitar o desejo de contribuir com a construção da proposta pedagógica na prática, ainda que isso significasse uma fundamentação e um embasamento teórico, os quais exigiram esforço e maior dedicação.

Creio que essa relação entre teoria e prática perpassa toda a trajetória de constituição da escola. Naquele momento, em que me vi desafiada a realizar uma prática totalmente diferente das anteriores, senti uma certa insegurança, um desconforto, uma sensação de que não haveria a possibilidade de me sentir feliz. Eu estava terminando a pós-graduação desenvolvida na FAPA, em 1997, no curso de Especialização em Educação Infantil, com ênfase nas crianças de 0 a 3 anos. Confesso que fiquei apreensiva, pois estar na sala de aula, para mim, era a única possibilidade, a única forma na qual me sentia produzindo conhecimentos. Pensei que não iria dar conta das tarefas ou que o trabalho não seria tão prazeroso quanto a sala de aula. Como seria ficar de “fora”? Porém, ao longo dos anos de trabalho em que passei a ser coordenadora, as reflexões avançaram no que se refere à compreensão da sala de aula, entendendo-a como um verdadeiro laboratório de aprendizagem que estabelece influências, que produz conhecimentos, tanto em relação aos alunos (sua forma de aprender) como em relação aos professores (sua forma de ensinar e também aprender), que oferece desafios e janelas, que acolhe e que aponta para caminhos diferentes a cada dia.

De acordo com Dussel e Caruso (2003, p.17-18), a sala de aula e as formas de ensinar tiveram um percurso histórico que nos leva a refletir sobre diferentes questões. Estas por sua vez se traduzem como respostas a desafios específicos que têm significados próprios em função de sua constituição enquanto práticas pedagógicas, que vêm sofrendo modificações na medida em que são implementadas. É importante perceber que a sala de aula nem sempre foi este espaço que hoje conhecemos, que é uma reinvenção constante, da qual fazemos parte e temos a responsabilidade de constituir, percebendo que o outro é capaz de utilizar este espaço de maneira diferente do nosso saber e do nosso desejo de educá-lo.

Aprender sobre a sala de aula, observar os movimentos complexos que nela se estabelecem, as relações de poder, de controle, regulação e interação permitem ao educador ampliar os horizontes, refletir sobre suas ações e compreender que o

espaço educativo precisa ser reinventado e aprimorado no sentido de buscar uma coerência e respeito maior ao educando.

Concordo com Azevedo (2007), quando reitera que a educação tem um papel fundamental na vida dos alunos: fazer com que sejam protagonistas de sua própria existência, tornando-se sujeitos que aprendem com muita competência. Para mim, essa competência dos alunos foi sempre o foco a ser investigado, tanto para ensiná-los a tê-la, como para aprender com eles novos conhecimentos, tendo também maior competência profissional.

Para desempenhar as novas tarefas profissionais tive que aprender muitas coisas ligadas à gestão da sala de aula, ao espaço e o tempo didático, às relações sociais e profissionais na escola; sobre planejamento e avaliação, sobre a categoria profissional, sobre a formação continuada, sobre as áreas do conhecimento com suas especificidades, entre tantas outras aprendizagens que sinto continuar realizando. Essas aprendizagens se deram concomitantes, sistematicamente, ao longo de um tempo no qual a complexidade da instituição escolar foi sendo por mim assimilada. Como uma espécie de mapa conceitual, fui encadeando essas informações e experiências, tecendo uma rede de conhecimentos importantes para a minha formação profissional e dos membros da equipe pedagógica.

Nesse sentido, percebi as ações vividas na Escola Projeto como meio de desenvolvimento de um trabalho coletivo, de trocas de experiências significativas sobre a formação profissional. O trabalho coletivo permite ampliar a visão de mundo e de educação, na medida em que coloca em jogo diferentes formas de ver um mesmo conteúdo de ensino, práticas pedagógicas, pontos de vista e visões de mundo específicas sobre assuntos diversos. Esse trabalho coletivo se dá em diferentes instâncias, não só entre os educadores, mas também entre todos os envolvidos no processo da escola (pais, funcionários, dirigentes).

Com isso pude construir maneiras de orientar os professores e também aprofundar meus conhecimentos como professora. Aprendi a gostar da tarefa de coordenação pedagógica, entendendo um pouco mais os fatores que levam um professor a construir e desenvolver uma prática coerente em sala de aula, capaz de colaborar nas aprendizagens. Todas vezes que entro em uma sala de aula, sinto o quanto essa caminhada me ajuda a compreender melhor as necessidades dos alunos e as possibilidades dos professores enquanto docentes e aprendentes.

Considero, porém, um grande desafio trabalhar com professores. É uma atividade de constante exercício de reflexão por parte do coordenador, de descentração e de afastamento de lugares rígidos e de pontos de vista; de paciência, pois cada um tem um processo diferente que é preciso considerar; cada um elabora os conceitos e propostas a seu modo, num movimento de busca que não pode ser feito pelo coordenador e que por isso demanda um tempo diferente para cada pessoa.

Este processo em sua dinâmica e configuração é muito semelhante ao processo dos alunos, os quais aprendem a partir de conhecimentos prévios, motivações e da intervenção mais adequada no momento oportuno. Considero este o maior foco de aprendizagem que pude desenvolver nesses anos todos: entender que as pessoas são diferentes e aprendem em ritmos diversos, conforme as relações que vão estabelecendo a partir de seus conhecimentos prévios e das experiências das quais participam. Aprender que para ensinar precisamos abrir mão de nossa soberba e penetrar no universo do aprendente. Essas aprendizagens, creio, não se deram de imediato e sim ao longo de todo um percurso, percorrido no processo de construção das ações, estabelecido em conjunto com a equipe pedagógica da escola. Ter essa clareza é condição importante para compreender como o processo de construção, seja de conhecimentos ou das práticas pedagógicas, é um longo caminho de reflexão e de mudança.

Essa visão é sustentáculo para qualquer proposta, seja com adultos ou crianças. Seja hoje, ontem ou amanhã. Estamos sempre aprendendo. E, tudo isso, aprendi na Escola Projeto. Tive experiências intensas, variadas e em diferentes instâncias: na sala de aula, fora dela com pais de alunos, com funcionários, com especialistas, com outros professores, com artistas, escritores, músicos. Fazendo dinâmicas variadas, lendo, produzindo textos e artigos teóricos, relatos, documentando momentos pedagógicos, observando as manifestações culturais, os conhecimentos, as artes e desenvolvendo os sentimentos. Não consigo imaginar o que teria sido a minha vida sem todos esses desafios. Às vezes, eu me percebo observando outras pessoas com suas profissões e me sinto uma pessoa privilegiada. Poucas profissões possuem uma amplitude de possibilidades tão extensa como a nossa, pois trabalhamos com pessoas e suas potencialidades, que são infinitas. Nessa escola, a partir da experiência sobre a qual me debruço hoje para tentar registrar e socializar algo de suas práticas, é que aprendi a olhar para o

mundo e para a profissão docente com as janelas escancaradas. A luz que penetra e é projetada ao vislumbrar o ato educativo vem dos conhecimentos que construí a partir de uma prática sistematizada com meus parceiros de profissão.

Na escola Projeto se trabalha muito. Mas é gostoso quando se termina alguma coisa. Sabemos que teremos sempre algo novo para construir e podemos vislumbrar resultados incríveis. Esses resultados se manifestam nos alunos, nos professores, nos pais e funcionários, que engajados por ideais semelhantes convivem, aprendem e crescem juntos. Estão previstas horas de aula e horas atividade, que são colocadas na carga horária do professor justamente para que ele tenha incentivo para trabalhar em casa sendo remunerado por isso. Temos reuniões semanais de planejamento e de orientação, nas quais os professores, seja de maneira coletiva ou individualmente, trocam experiências, discutem projetos, planos e atividades, montam seqüências de trabalho, analisam diagnósticos de avaliação, conversam com pais e especialistas, fazem cursos, oficinas, assistem vídeos e palestras, escrevem artigos para publicações, montam materiais áudio visuais de documentação pedagógica, brincam, fazem arte e se constroem como profissionais.

Minha vida mudou a partir do momento que entrei nessa escola. Minha vida era agitada, difícil e repleta de desafios. Não sei se dediquei tanto para ter algo bom em que acreditar, ou se acreditei com firmeza e, a partir disso, tudo foi sendo construído. Tenho dúvidas se o entusiasmo veio dos projetos a serem construídos ou do medo de enfrentar a parte que não dava certo. Talvez nunca tenha essa resposta. O que sei é que a vida continuou sempre se transformando através das coisas que aprendi e continuo aprendendo. Ela continua a ser assim: agitada e incompleta. Mas, a cada dia ou novo ano letivo, ela vai se tornando uma obra, construída coletivamente, da qual me orgulho de poder participar, percebendo que está sempre inacabada.

Sei que esse novo projeto de escrever a dissertação é difícil e complexo como foi toda a minha trajetória até então. Mas, acredito na vida e na educação. Acredito que todos podem aprender, desde que sejam oportunizados os espaços para que as experiências se tornem significativas. Tenho consciência de que aprender não é só prazer. Aprender exige esforço e determinação. Exige mobilizações físicas e emocionais, cognitivas, afetivas e a sustentação através de procedimentos práticos.

Estou aprendendo a colocar no papel as coisas que empiricamente tenho observado e sentido, percebido, inferido, relacionado, sintetizado. Algumas coisas encontro nos livros, já teorizadas por outros. Isso dá um alívio e faz com que continue acreditando no potencial da educação. Outras posso e sinto que devo construir. Sei que essa tarefa é complexa, porém pode ser objetivada à medida que percebo que temos o direito de errar, refazer, ensaiar de novo, organizar e apresentar as idéias, os fatos, as histórias. Como se fossem peças de um quebra-cabeça, que só nós podemos montar e remontar, tantas vezes quantas forem as nossas chances de aprender, do tamanho da nossa coragem de sermos humanos, inacabados e humildes para reconhecer que precisamos uns dos outros, que não sabemos tudo, mas que temos a responsabilidade de compartilhar com outros que também acreditam nos mesmos ideais, nos mesmos empreendimentos. Creio que a minha vontade de compartilhar a riqueza dessa experiência vem do sentimento de poder contribuir com outros educadores que podem estar, nesse momento, descrentes das potencialidades de seus alunos ou de sua profissão.

Os traços de cada criança ou professores com os quais trabalhei são a matéria prima que utilizo para pensar e construir novos conhecimentos. Compreender profundamente que nossa ação precisa estar conectada às demandas e potencialidades de cada um é elemento necessário para a construção da prática profissional, da inteligência enquanto instrumento de ação e reflexão, e até de uma vida mais feliz.

Para isso, pretendo analisar as práticas da Escola Projeto, numa visão analítica e crítica, compreendendo a cultura transformadora da escola em suas diferentes nuances, fundamentando coerentemente essas práticas que venho vivenciando e observando, podendo então contribuir com o contexto educativo do qual participo.

Segundo Nóvoa (2004, p. 8-9), “o trabalho das ciências da educação deve ser de compreensão das realidades educativas e de abertura para essa complexidade”. Compreender que o professor se forma na prática colabora na ação de construir um currículo de formação acadêmica consistente no sentido de aporte de diversas vertentes teóricas. Surge como necessária, pois uma melhor compreensão de como ocorrem os processos de apropriação de determinados conhecimentos por parte dos professores, para que possam ser trabalhados dentro de sua especificidade com adequação.

Os professores podem aprender pensando a partir da realidade em que atuam, desvendando melhor os pontos de ruptura nos processos dos alunos, as questões que precisam reordenar para que eles aprendam, dentro de um processo contínuo de diálogo com eles. Mas esse pensar não se dá na individualidade de cada educador. Pode ser gerado pela problematização que emerge no coletivo de pares, nas situações contextualizadas e que surgem de uma prática contínua. Essa prática é criada na escola, a partir de uma cultura que coloca o professor no lugar de pesquisador, no lugar de um intelectual que produz conhecimento junto com os alunos.

Alguns autores valorizam as histórias de vida, reconhecem que nessas narrativas estão presentes alguns elementos que se configuram como meios de impulsionar a constituição de uma formação docente, pois essas histórias revelam trajetórias nas quais os professores foram construindo uma determinada forma de ação, encontrando desafios, janelas de possibilidades e resultados que influenciaram a formação de uma identidade profissional. Essa identidade se revela, segundo Tardif (2002), a partir de diferentes saberes, como os saberes do trabalho e os saberes da formação. Defende que os saberes dos professores são constitutivos da prática docente e estes saberes envolvem o conhecimento sobre a matéria que ensinam, o conhecimento sobre as ciências da educação e o saber prático relacionado ao cotidiano escolar. Segundo ele, a articulação entre a prática docente e os saberes fazem dos professores um grupo social e profissional cuja existência depende de sua capacidade de dominar, integrar e mobilizar saberes. Explicita que os saberes sofrem influências, são construídos ao longo da trajetória profissional, passam por diferentes fases e se relacionam com as histórias de vida de cada professor.

A minha relação com a escola Projeto é muito estreita e significativa, pois nessa escola aprendi a ser professora; agindo e pensando sobre o próprio trabalho docente. Através de uma dinâmica sistematizada, compartilhada e refletida, construída diariamente no coletivo e a partir de ações conjuntas, constitui um referencial significativo com o qual desenvolvo minha profissão. Hoje me sinto feliz por isso e percebo que cresço também por dentro. Acredito ser importante registrar e socializar esse crescimento, e uma das formas de fazê-lo é através da história da trajetória de construção de um trabalho tão interessante que é a prática pedagógica e coletiva. Quando falo sobre o que faço no dia-a-dia, me sinto feliz pois as



realizações e aprendizagens dos alunos me mostram que a atividade docente é um lugar de felicidade. Esse lugar, muitas vezes imaginário, pode ser também um lugar real, compartilhado e constituído por todos que dele fazem parte.

## 2 A PESQUISA

### 2.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Segundo Barroso (2007, p. 155), um dos objetivos da história das instituições escolares é “identificar a diversidade de contextos e modos de ação que operacionalizam as instituições, explicitando valores e regras que regulam a função educativa no espaço escolar”. Essa percepção é importante, pois revela um modo de ver a Escola, uma forma de compreender a abrangência das práticas escolares, ampliando o âmbito de atuação e de possibilidades da pesquisa como elemento de constituição e sistematização desses valores e regras.

Para fazer essa contextualização é necessário observar que mecanismos de registro a experiência de estudo possui. A partir dessa referência, a metodologia neste trabalho de pesquisa visa construir uma narrativa historiográfica que possibilite a visualização de um recorte do contexto da vida escolar, a partir do qual fiquem explícitas as etapas de construção da Escola Projeto como instituição e o significado de cada fase dessa trajetória, caracterizando os elementos essenciais para esse processo de formação.

A fonte inspiradora dessa pesquisa surgiu da minha vivência na escola. Fiquei motivada a organizar um meio de socializar essa experiência partindo do arquivo escolar, ou seja, da existência de documentos que possibilitam o acesso a materiais representativos de práticas da escola, os quais demonstram uma riqueza e complexidade muito grande, apontando para um potencial de pesquisa e registro muito significativo. A questão colocada, logo no início dessa trajetória, foi: nessa escola, o projeto político-pedagógico e as práticas educativas estabelecem referências metodológicas que contribuem para a formação de seus professores? A identidade dessa escola pode ser definida ou caracterizada? Existem potencialidades e a criação de práticas próprias no contexto escolar?

Essas questões pareceram pertinentes visto que as práticas educativas, segundo diversos autores, criam uma cultura, rituais, formas e marcas que podem ser conhecidas à medida que nos aproximamos de suas representações, sejam materiais ou simbólicas.

## 2.2 OBJETIVOS

O objetivo geral dessa pesquisa foi o de estabelecer uma caracterização da identidade da instituição. A partir dessa linha inicial de questionamento, estabeleci alguns objetivos específicos:

- Selecionar e organizar os dados e alguns documentos referentes a determinadas fases de construção do Projeto Político-Pedagógico da escola;
- Explicitar traços da identidade da instituição escolar, percebendo potencialidades de estudo e formação docente;
- Descrever as atitudes e/ou condutas que foram constantemente elaboradas e rearticuladas no sentido de ampliar ou implementar o currículo escolar;
- Contribuir para a formação da memória da Escola Projeto, socializando aspectos de seu Projeto Pedagógico.

Ao longo do trabalho serão abordados alguns elementos característicos do contexto sócio-educacional, do período compreendido entre 1988 e 2008, envolvendo tendências educacionais e paradigmas teóricos. Essa abordagem visa inserir essa experiência nas tendências pedagógicas dos anos 1990 a 2000 e podem ser elementos de reflexão na compreensão de sua influência sobre as práticas e reflexões originadas.

## 2.3 METODOLOGIA

A narrativa se desenvolve a partir de depoimentos de pessoas que fizeram ou fazem parte da instituição, de entrevistas com dirigentes, alunos, pais, funcionários, professores e pessoas ligadas à escola que de alguma forma tenham participado desse projeto.

Nessas entrevistas, o objetivo é resgatar a memória dos primeiros movimentos que deram origem ao desejo de construção da escola, fazendo emergir os pressupostos, as experiências estéticas e técnicas que motivaram a equipe pedagógica, os referenciais teóricos que foram utilizados, as demandas que foram atendidas e as alternativas elaboradas no sentido de alcançar os primeiros ideais de escola. Todos os dados obtidos com professores, dirigentes, pais, alunos, ex-alunos, funcionários, são utilizados no sentido de integrar ao estudo as informações e as narrativas que remetem o leitor a um movimento que permite penetrar no espaço educativo criado por essa escola, percebendo algumas de suas diferentes nuances, âmbitos de atuação e resultados didático-pedagógicos obtidos. Esses contatos foram estabelecidos através de entrevistas não formais, mais livres, ou depoimentos enviados por meios eletrônicos, que são analisadas a partir de alguns critérios ou categorias. Essa análise visa entrecruzar as informações constituindo a partir delas aspectos representativos de identidade da instituição.

Segundo Nóvoa (1998, p. 40), “aqueles que viveram e trabalharam na escola têm contribuições a dar para a história da instituição.” De acordo com Werle (2002, p. 26), “os relatos orais muito contribuem para a história das instituições cuja base é a memória. Nas narrativas orais é possível fazer a escuta e a troca de informações”.

Também são utilizados, com muita ênfase, devido sua significação em termos de memória, documentos variados encontrados no arquivo escolar: atas de reunião, textos elaborados por professores, fotos, materiais elaborados pela coordenação da escola, cronogramas ou outros que possibilitaram a explicitação de diferentes etapas de construção do projeto político-pedagógico da escola. O arquivo escolar é analisado como um todo organizado, que busca registrar a vida da escola de diferentes maneiras.

Após a seleção de diferentes materiais, foi organizado um momento para uma entrevista coletiva com as dirigentes da escola. A forma de registro utilizada foi a captura por vídeo. A transcrição desse vídeo possibilitou o encadeamento das informações já obtidas através dos depoimentos orais ou por via de meios eletrônicos. Nessa entrevista as participantes expressam diferentes idéias e pontos de vista, importantes fontes de reflexão acerca do tema da pesquisa: memória coletiva sobre as práticas desenvolvidas pela Escola Projeto ao longo de seus 20 anos. Essa forma de registro parece muito rica e produtiva, visto que garante registrar as imagens, reações, a ênfase que é dada ou percebida sobre

determinados fatos, momentos e situações vividas pelos atores participantes da experiência relatada.

Conforme Magalhães (2007, p. 71), “na análise do instituído a materialização se dá pela representação através de espaços, tempos, materiais didáticos e pedagógicos, formas de comunicação e organização”. Considero muito importante o registro visual, pois a materialidade da experiência se torna através dele mais acessível ao pesquisador.

Na escola Projeto é possível identificar, conforme sugere Magalhães, a estrutura sócio-cultural que revela uma inovação e caracteriza a identidade da escola. Essa estrutura fica explícita nos depoimentos e quando se tem acesso aos diferentes tipos de arquivos e documentos, que foram construídos ao longo dos 20 anos de existência da escola. Partindo do princípio que esses arquivos foram intencionalmente construídos, percebo como esse trabalho pode ser importante para a formação de uma cultura de documentação e de registro das práticas escolares, cultura essa que pode vir a contribuir na formação de arquivos e da memória de outras instituições.

Compartilho minhas crenças com Nora (1981, p.14), que diz: “tudo que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história. Tudo que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história. A necessidade de memória é uma necessidade da história”.

Através de documentos, a escola se organiza e registra suas ações subseqüentes, utilizando-os com os professores, aproveitando-os, tendo-os como instrumento de trabalho, ampliando suas práticas pedagógicas.

São analisados os documentos relativos ao projeto político-pedagógico, de acordo com as fases de sua elaboração, à luz do referencial teórico, buscando estabelecer categorias representativas de possíveis variáveis necessárias à formação de um corpo de ações que leve em conta a possibilidade de existência da escola como instância formadora de crianças, jovens e adultos sob a ótica do construtivismo de Piaget e o sócio-interacionismo de Vygotsky.

Segundo Magalhães (2007, p. 73), este tipo de investigação “integra dimensões teóricas e dimensões práticas com base em operações arquivísticas, hermenêuticas e discursivas, cujos objeto epistêmico e quadro conceitual se desenvolve com referência às práticas educativas, às representações orgânicas, curriculares e simbólicas, às biográficas, ações e apropriações dos sujeitos”.

Inúmeros autores apontam a cultura escolar como manifestação dessas categorias, que se identifica através de suas práticas. A qualidade da escola e os resultados que obtém também apontam para a importância deste trabalho, o qual pode colaborar na difusão de práticas e alternativas de formação em serviço.

Percebe-se no espaço físico, nos documentos, projetos e produções sociais a relevância deste apanhado histórico como meio de apropriação de suas práticas tanto pela academia com também pelos próprios professores que fazem parte desta cultura escolar.

Segundo Julia (2001, p. 37),

os estudos históricos da escola podem apontar muitas facetas deste processo complexo do qual participam alunos e professores, mas pode também levantar as marcas que esse processo de intervenção provoca, ou seja, quais marcas realmente são impressas nos indivíduos através da ação da escola?

Cabe a nós pesquisadores a aproximação a essa possibilidade levantando hipóteses de abrangência e caracterizando essas marcas ou práticas, visando contribuir na construção de conhecimentos e da própria cultura escolar.

Abaixo estão relacionadas as perguntas dirigidas aos diferentes segmentos da comunidade escolar que visam contribuir com a percepção sobre o tipo de experiências e fatos significativos registrados como memória simbólica a partir da experiência vivida na Escola Projeto.

Questionário utilizado na entrevista com fundadoras da Escola Projeto:

- 1) Que tipo de ideal vocês tinham quando pensaram em fazer a escola? O que vocês sonhavam em fazer?
- 2) O que motivou esse sonho ou ideal? Vocês chegaram a realizar o que pensaram em fazer nessa época (formação da escola Projeto)?
- 3) Quais experiências anteriores vocês julgam como influenciadoras do seu desejo de fazer a escola?
- 4) Que referências teóricas vocês usaram no começo da escola?
- 5) Que tipo de demanda foi determinante na formação da escola? Que demanda foi mais influenciadora na forma como vocês criaram a escola?
- 6) Enumere cinco características da Escola Projeto e descreva como elas se manifestam na prática.

Questionário encaminhado a antigos pais da escola:

- 1) Como tu te sentias deixando teu filho na Escola Projeto?
- 2) O que tu percebias que teu filho estava aprendendo nessa escola?
- 3) Que experiências foram mais marcantes?
- 4) Qual a característica que mais te chamou atenção nessa escola?

Questionário encaminhado a antigos alunos:

- 1) Como tu te sentia na escola Projeto? Era bom estudar nessa escola? Por quê?
- 2) O que tu te lembras dos teus tempos de estudante na Escola Projeto?
- 3) O que tu achas que aprendeste na escola?
- 4) Que experiências mais te marcaram na escola?
- 5) O que tu achas que é uma característica marcante da Escola Projeto?
- 6) Quando tu tiveres filhos, tu tens vontade de colocá-los na Escola Projeto? Por quê?

Questionário utilizado na entrevista com a funcionária Saionara Fortunato

- 1) Como tu sentes trabalhando nessa escola?
- 2) O que aprendeste ou aprendes nessa escola?
- 3) O que tu achas que caracteriza mais essa escola?

A partir desses questionamentos, o trabalho de análise dos dados foi montado no sentido de integrar as respostas num todo que fizesse sentido, em relação aos objetivos da pesquisa e à possibilidade de socialização da cultura escolar criada nessa instituição.

## 2.4 O ARQUIVO

Os arquivos são fontes e, segundo Amorim (2002, p. 90), “bem organizados contribuem para a pesquisa e estimulam a produção intelectual”.

A primeira ação realizada nessa pesquisa foi a identificação e seleção de algumas caixas de documentos pedagógicos da Escola Projeto, durante o período de férias escolares em 2007. Fiz um contato formal com a Direção da Escola

combinando e assegurando que esses materiais estariam em boas condições de conservação, além de estabelecer o compromisso de reconduzi-los ao seu local de armazenamento, no final da pesquisa.

As caixas selecionadas diziam respeito aos primeiros cinco anos de existência da escola. Procurei acessar essas caixas a fim de iniciar o levantamento dos materiais que iriam ser utilizados na pesquisa. Com muita satisfação e enorme curiosidade percebi o tamanho desse arquivo e sua complexidade. A cada ano letivo a escola organiza um acervo de documentos pedagógicos acondicionados em pelo menos duas a três caixas. Calculando que a escola estaria, no ano 2008, completando 20 anos de sua fundação, conclui que seria impossível aproveitar integralmente todos os documentos.



Figura 1 – Exemplo de caixas do arquivo escolar da Escola Projeto

Refletindo sobre os objetivos da pesquisa e a forma de sistematizá-los, procurei fazer um recorte analítico deste arquivo, a fim de poder aproveitá-lo como meio de construção de conhecimentos. Sendo assim, utilizei apenas alguns documentos, os quais fazem parte das práticas pedagógicas nos diferentes momentos de formação da instituição. Utilizei também uma caixa extra que continha todos os materiais e documentos relativos aos cursos organizados pela Escola Projeto no primeiros 10 de atuação junto à comunidade.



Segundo Buffa, (2002, p. 27),

uma das categorias de análise do pesquisador, quando o objeto de pesquisa é a escola, é a trajetória de constituição da mesma. Assim pode-se investigar o processo de criação das práticas pedagógicas, seus elementos constituintes, os atores participantes, os rituais e a representação que a escola tem perante a comunidade.

André Petitat (1994 citado por BUFFA, 1994) também afirma que essas categorias permitem traçar um “retrato da escola”. Este retrato é o que pretendo produzir a partir da análise dos documentos pedagógicos e dos depoimentos.

Para Barroso (2007, p.164), quando cita sete estudos da escola como objeto de pesquisa e relata a experiência de Candeias (1993), fica evidente que a escola pode ser vista a partir de sua prática cotidiana. Em seu estudo A Escola Oficina nº1 de Lisboa, Candeias relata o funcionamento do dia-a-dia: [...] a parte central de nossa tese será constituída pela análise do que se passou nessa escola entre 1905 e 1930 (p. 32) tendo como principal preocupação [...] o estudo das práticas pedagógicas e da vida escolar, em detrimento da história institucional desta mesma escola [...] (p. 43). A partir desta proposta, o autor elabora uma análise dos elementos constitutivos do cotidiano nos quais a visão detalhada da prática oferece ao leitor a possibilidade de saber como era essa escola, como nela se tentava educar e ensinar.

Quando comecei a atuar na coordenação pedagógica da Escola Projeto uma das questões que me chamou a atenção foi a possibilidade de documentação das práticas através da constituição sistemática do arquivo escolar. Havia a preocupação, desde o início da escola, de formar um acervo de documentos que garantisse a permanência de algumas práticas, a construção de conhecimentos por parte dos professores e a possibilidade de socialização das experiências com outros educadores. Essa preocupação se manifestava em uma instância teórica (no sentido da instituição organizar situações de estudo oportunizadas aos professores para melhor elaboração dos documentos pedagógicos) e também em uma instância prática, no sentido de uma preocupação técnica com a produção/formatação de materiais específicos para essa documentação (fichas, planilhas, tabelas, quadros demonstrativos, cronogramas, modelos, questionários, relatórios, entre tantos outros).

Na Escola Projeto, diversos documentos fazem parte do arquivo escolar. Este arquivo encontra-se em caixas identificadas com o ano, a etapa/grupo ou série

e o conteúdo do arquivo. Os documentos presentes estão agrupados conforme sua caracterização em atas de reunião com professores; atas de reunião com pais; atas de reunião com a equipe diretiva; fichas de chamada (educação infantil); cadernos de chamada (ensino fundamental); relatórios de avaliação dos alunos; relatórios gerais de avaliação com o relato do trabalho realizado em cada turma da escola; projetos de trabalho por áreas do conhecimento; textos elaborados para as reuniões de formação, cronogramas de reuniões com professores, folders, materiais de registro de saídas de campo, entre outros. Alguns materiais que são elaborados pela escola são formatados e montados sob a forma de cadernos temáticos. Assim podem ser acessados com maior facilidade pelos docentes, garantindo que sejam instrumentos de registro e de documentação pedagógica .

Os documentos do arquivo têm características próprias de acordo com a etapa em que foram elaborados e, posteriormente, arquivados. Existem diferentes objetivos para sua elaboração relacionados com as necessidades que os geraram, ou seja, de acordo com os diferentes anos letivos, a escola, enquanto instituição, foi constituindo um acervo de documentos que expressam as práticas desenvolvidas nesse período de tempo. Isso reflete também uma possibilidade de acesso ao momento em que se encontravam no que se refere à formação das equipes em serviço e os diferentes projetos realizados. A elaboração dos documentos se dá pelo intercruzamento de ações da coordenação pedagógica nos quais a participação dos professores é efetiva, tanto elaborando juntos como analisando e modificando a partir de sua leitura crítica, relacionada com o cotidiano escolar e necessidades próprias de cada grupo ou turma.

A partir do arquivo é possível conhecer os temas ou conteúdos que foram trabalhados, as demandas das equipes em determinado momento do ano letivo, os projetos realizados, as ações pontuais criadas para determinado momento da vida escolar, as realizações da escola enquanto instituição e as relações estabelecidas com a comunidade escolar.

Durante muito tempo pensei em como esse arquivo era representativo de um movimento muito próprio dessa escola. De sua identidade e cultura no que se refere às práticas escolares. Esse movimento se caracteriza por uma grande preocupação com a questão do registro enquanto fonte de memória das práticas educativas criadas pela escola. Através desses documentos, a escola organiza suas ações subseqüentes, utilizando-os com os professores, manuseando-os, de um ano

para outro, e reformulando-os sempre no sentido de busca do alcance dos objetivos educativos, previstos no projeto pedagógico.



Figura 2 – Foto referente a uma das prateleiras do armário com arquivo de fotos, cada pasta contém fotos de um ano letivo; as prateleiras são identificadas com os anos letivos

Vale ressaltar, porém, que a escola também se preocupa, além de formar o arquivo escolar, em constituir um acervo de fotos e materiais informativos com os diferentes momentos e eventos organizados ao longo dos anos. Essas fotos estão arquivadas em grandes pastas fichário que podem ser vistas acima, tendo etiquetas de identificação do ano a que se referem e complementam as informações e registros escolares, fazendo o que Nora (1981, p.21) considera como “lugares de memória” material. Segundo o autor, o que os constitui é um jogo da memória e da história, uma interação dos dois fatores que leva em conta a sua determinação recíproca.

Abaixo aparecem as fotos de alguns desses arquivos, a partir dos quais pode-se acessar a memória material da Escola Projeto.



Figura 3 – Capa de um álbum com arquivo de fotos referente ao ano letivo de 2005-1º semestre

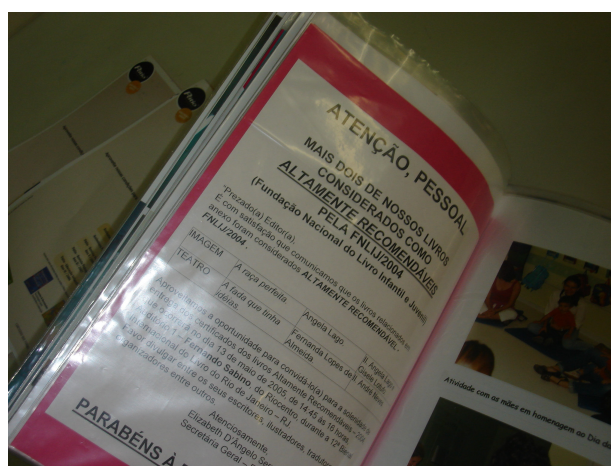


Figura 4 – Detalhe de um álbum: além de fotos há o recolhimento e organização de materiais informativos sobre eventos do ano letivo

Além desse acervo de imagens representativas das diferentes situações escolares, a escola possui um acervo de vídeos com filmagens de aulas, encontros com profissionais, teóricos, artistas, pais e professores, eventos em geral.



Figura 5 – Fitas de vídeo com filmagens de eventos da escola ou outros

Essas imagens, assim como algumas fotos, foram digitalizadas a partir do ano de 2006, seguindo uma tendência atual de melhor conservação desses materiais. Segundo Amorim (2002, p.91), no que se refere à conservação dos documentos, os bancos de imagem auxiliam a preservação do suporte original, possibilitando o acesso através de outros meios que não o manuseio direto e constante dos originais.



Figura 6 – Arquivos digitalizados a partir de 2006 para conservação de imagens da Escola Projeto Os arquivos digitais têm maior durabilidade



Figura 7 – Cada DVD se refere a um ano letivo e às turmas da Escola Infantil e Ensino Fundamental Nesses DVDs estão registradas fotos e filmagens relativas aos projetos das turmas e da Escola em geral



Figura 8 – Arquivo escolar organizado por temas administrativos

A organização desses acervos, além de permitir a conservação, também permite a possibilidade de acesso e de socialização dessas informações, oferecendo uma rica contribuição para a formação continuada dos professores.

Segundo Peixoto (2002, p. 77), “a constituição de um acervo é resultado de um conjunto de ações muitas vezes ligadas à área da museologia”.



Figura 9 – Arquivo escolar com as fichas de alunos por turma

Poucas ações dessa ordem ocorrem normalmente nas escolas, muitas vezes a preocupação maior fica restrita aos prédios e aos móveis. Os arquivos escolares são, na maioria das vezes, vistos como meramente burocráticos depósitos de papel sem valor em termos de conteúdos de formação.

No caso da Escola projeto, o que ocorre na prática cotidiana é exatamente o contrário, os documentos produzidos pela equipe pedagógica são organizados no arquivo, são valorizados como fonte de pesquisa. São vistos como suporte das práticas pedagógicas, registro das informações importantes para a formação dos professores, materiais que podem ser utilizados como meio de trocas, de construção de conhecimentos, de ensino e de sistematização das ações da escola, vista como um centro de formação.

Conforme o quadro a seguir, é possível perceber algumas características dos documentos e analisar sua relevância no contexto das práticas educativas. O quadro foi montado tomando como exemplo alguns materiais obtidos nos arquivos dos primeiros oito anos da escola. Esses materiais foram se modificando ao longo dos anos, mas alguns permanecem e são utilizados diariamente, como é o caso das atas de reunião, cronogramas de reunião e planilhas de planejamento semanal dos docentes. São considerados nesse caso, apenas os arquivos escolares de cunho

pedagógico, organizados pela equipe de coordenação da escola. Selecionei a cada ano alguns materiais representativos de diferentes práticas realizadas pela escola. Essas práticas, sob a ótica de uma análise do contexto educativo, possibilitam perceber que existe um potencial criativo da instituição que vai se configurando à medida que certas atitudes são tomadas e implementadas ao longo de um determinado período de tempo. Essas atitudes revertem em situações produtivas que oportunizam aos professores e equipe pedagógica, a construção de conhecimentos sobre os alunos, sobre o ensino-aprendizagem, sobre a forma de integrar as ações escolares com a família, sobre possibilidades de melhorar as práticas pedagógicas, a avaliação escolar, o ambiente físico e os processos de construção de novos conhecimentos.

Alguns materiais têm um cunho maior de registro e documentação, significam a possibilidade de construção de acervos de informações sobre alunos ou da comunidade escolar. Outros apresentam a possibilidade de acesso aos conteúdos da formação dos professores e portanto representam fontes de pesquisa. Os documentos que se relacionam com maior ênfase à formação dos professores serão analisados no capítulo 4, que aborda a formação continuada na Escola Projeto.

Quadro 1 – Referência com Modelos de Documentos<sup>3</sup> Elaborados Pela Escola Projeto-1988-1995

Ano letivo	Tipo/formato de documento	Uso/práticas decorrentes	Relevância/Pertinência
1988	Atas de reunião administrativa	Registro das reuniões de planejamento e construção do referencial teórico da escola	Este tipo de documento permite retomar aspectos teóricos que foram levados em conta pela equipe da escola no contexto de sua fundação, de elaboração do projeto pedagógico, de estabelecimento de metas de trabalho
	Conjunto de polígrafos com textos teóricos utilizados na formação do Projeto Político-Pedagógico da Escola	Para pesquisa do referencial teórico, fundamentos, filosofia, bibliografia da escola; estão organizados em pastas para pesquisa	Acesso às fontes de informação; possibilidade de pesquisa, referencial teórico
1989	Atas do grupo de estudos com outras escolas	Registro de reuniões com outras escolas próximas à Escola Projeto, para elaboração de um projeto, no sentido de criação de ações conjuntas de formação continuada	Demonstra o início de uma cultura escolar preocupada com a formação em serviço
		No final do ano-encaminhado aos pais	

<sup>3</sup> Todos os modelos apresentados neste quadro são analisados conforme aspectos que emergem da prática pedagógica nesta parte do texto e também no capítulo 4 que fala de formação continuada. Foram colocados no corpo do texto para facilitar a compreensão do leitor e serem efetivamente utilizados como documentos na pesquisa.

	Instrumentos de avaliação da escola, com registros feitos pelos professores a partir de fichas enviadas e respondidas pela famílias atendidas nesse ano  Registros de perfis de turma Pareceres descritivos de avaliação dos alunos (cópias)	com o objetivo de planejar as ações do ano seguinte  Visibilidade da turma pelo professor-uso no planejamento de ações Entregues às famílias para comunicação de resultados escolares	Utilização das sugestões, críticas, reclamações como forma de refletir sobre a prática pedagógica e transformá-la; contato com a comunidade escolar, considerando a leitura que fazem da escola enquanto instituição educativa (anexo A4) Importante meio de reflexão sobre o grupo de alunos; exige do professor uma reflexão aprofundada sobre o grupo de alunos Registro detalhado do trabalho pedagógico geral (realizado na turma) e específico (de cada aluno), possibilitando um acesso às práticas realizadas ao longo do ano
1990	Atas de reunião pedagógicas com professores  Atas de reunião individual com as famílias  Cronogramas de reunião pedagógica com professores  Grades de planejamento semanal	Registro dos assuntos tratados e do conteúdo formativo das reuniões realizadas na escola com professores  Registro dos assuntos tratados em separado com cada família de aluno visando troca de informações e encaminhamentos  Registro detalhado das ações previstas para cada mês com as datas e o assunto das reuniões de formação em serviço (1 reunião por semana de 3 h de duração)  Usadas pelos professores para registro detalhado da semana de atividades	Possibilidade de acessar aos conteúdos da formação continuada oferecida pela escola  Possibilidade de registro do andamento das ações mais pontuais com cada aluno; visualização das demandas específicas dos alunos e os encaminhamentos realizados Possibilidade de acessar aos conteúdos da formação continuada oferecida pela escola Través do cronograma de reuniões é possível planejar, antecipar conteúdos de formação e pesquisar os movimentos e tendências pedagógicas de cada etapa  Importante documento que registra todos os momentos da rotina, atividades, materiais, livros e outro utilizados no trabalho com os alunos (revisado pela coordenadora)
1991	Registros de auto-avaliação dos professores, da coordenação e direção  Reuniões do grupo operativo	Fichas de avaliação do ano letivo envolvendo diferentes critérios para análise das práticas pedagógicas da instituição  Registro de reuniões com psicóloga para elaboração de estratégias conjuntas a partir de demandas do grupo de professores	Possibilidade de acesso à aspectos que constituem as aprendizagens profissionais e a trajetória dos professores e da equipe diretiva da escola; possibilidade de fazer avaliações e tomada de decisões em relação ao quadro de docentes  Possibilidade de fazer fluir as dúvidas e necessidades dos docentes, avançando na compreensão dos alunos e de suas necessidades
1992	Neste ano inicia a primeira turma de 1 a série e aparecem os relatórios de avaliação dessa turma	Pareceres descritivos da turma e dos alunos individuais (todos feitos à mão); cada relatório geral tinha em média 12 laudas, podendo chegara até 18 laudas; os individuais tinham em média 2 laudas por aluno.	Registro detalhado do trabalho pedagógico geral (realizado na turma) e específico (de cada aluno), possibilitando um acesso às práticas realizadas ao longo do ano
1993	Pareceres a partir do segundo semestre digitados em computador e não mais à mão  Atas de reunião com especialistas para avaliação e inserção de crianças com necessidades especiais regularmente na escola	Facilidade/diminuição do trabalho braçal do professor pelo fato de serem feitos no computador-maior possibilidade de pesquisa-o documentos como fonte de informação  Neste ano a escola faz um estudo preliminar para iniciar a aceitação de crianças com necessidades especiais-chama para isso uma equipe multidisciplinar com psicólogos, psiquiatras, fisioterapeutas, médicos	Registro detalhado do trabalho pedagógico geral (realizado na turma) e específico (de cada aluno), possibilitando um acesso às práticas realizadas ao longo do ano  Possibilidade de acesso à documentos que mostram que a escola foi precursora na questão da inclusão; Acesso aos nomes de profissionais que atuaram nessa equipe multidisciplinar podendo tomá-los como referência no trabalho desenvolvido pela escola no que



	Protocolo de avaliação sobre a alfabetização	Material utilizado para a avaliação do conhecimento sobre as questões da psicogênese da língua escrita	tange à inclusão de crianças com NEE Importante material para avaliação e mapeamento dos conhecimentos dos alunos-influencia diretamente no planejamento das ações didáticas
1994	Aparecem registros de conselho e pré-conselho desde a educação infantil  Cronograma do seminário de estudos  Grupo de estudos	São fichas de avaliação com informações sobre os alunos; essas fichas guardam a trajetória e o desenvolvimento do aluno ao longo do ano  Utilizado no planejamento de uma semana de estudos teóricos no período de recesso escolar  Registros de estudos realizados a partir de áreas do conhecimento	Esses documentos podem oferecer ao pesquisador uma visão da concepção de avaliação que a escola realiza  Momento importante de parada e de reflexão teórico-prática sobre as ações da escola; realizado anualmente desde sua fundação  Demonstram formas concretas de construção do PPP sob a ótica do referencial construtivista
1995	Aparecem os primeiros encadernados com os relatórios, como se fossem livrões com todos os relatórios de todas as turmas por ano	Essa forma de organização do arquivo dá acesso às informações com mais visibilidade; os relatórios ficam mais disponíveis para a leitura de outras pessoas interessadas (em cursos e reuniões de estudo eles são melhor utilizados)	Esses documentos podem oferecer ao pesquisador uma visão do processo de ensino e aprendizagem; visibilidade e importância do registro e da documentação pedagógica. Alguns relatórios além de trazerem textos descritivos trazem também fotos de situações vividas em aula

Inúmeros autores comentam sobre a dificuldade de formar um acervo de materiais, no caso quando se refere à montagem de um museu escolar, ou mesmo de se ter acesso à cultura da escola enquanto instituição. A esse corpo de documentos damos o nome de arquivo, o qual se constitui dentro da instituição escolar como reflexo de uma ação necessária, que pode significar a possibilidade de acesso às práticas e à cultura desenvolvida pela escola, enquanto organização complexa, orgânica e multifacetada.

A formação desse arquivo vai estar diretamente relacionada com os objetivos estabelecidos pela proposta pedagógica da escola. Um arquivo bem organizado e completo vai oferecer uma visão detalhada da realidade escolar, registrando a progressiva trajetória de construção de suas práticas. Os documentos desse arquivo vão refletir, que tipo de práticas são importantes e relevantes para aquela instituição. Cabe, pois à escola, entender essa importância e trabalhar no sentido de criar uma cultura de memória, traduzindo suas práticas em ações arquivísticas, aliadas às demandas e atitudes pedagógicas.

Uma forma que tem dado resultado na Escola Projeto, nesse sentido, é a criação de cópias digitalizadas desses documentos, o que facilita a conservação tanto das informações como de sua vida útil material. Os documentos dessa forma são mantidos e ficam acessíveis a outros educadores, podem servir de base para novos documentos e colaboram com a formação de um corpo de conteúdos (gestão

escolar, planejamento, avaliação, intervenções didáticas) no sentido de contribuir na elaboração dos currículos de formação dos professores.

Os documentos relativos à vida escolar dos alunos, por exemplo, têm sido armazenados em arquivos digitais, podendo ser acessados com maior facilidade. A conservação e a manutenção desses documentos pode ser um dos eixos da gestão escolar, oferecendo à comunidade uma oportunidade de acesso e de conhecimento sobre esses documentos o que facilita a aproximação da escola com a sociedade.

Um dos grandes desafios que se coloca à instituição é a formação de acervos desses documentos em vistas de sua riqueza de conteúdos, práticas e de memória. Outro aspecto importante é a reflexão sobre os critérios de arquivamento assim como a possibilidade de intercâmbio dessas informações entre os diferentes segmentos da escola e de outras instituições, como centros de formação e a universidade.

A seguir aparecem alguns documentos citados no quadro que inicia na página 33. Esses documentos foram selecionados e colocados no trabalho com o objetivo de oferecer ao leitor a possibilidade de análise de seu conteúdo. Alguns comentários a partir desses materiais podem ajudar na compreensão desses conteúdos, os quais considero integrantes do currículo e representativos da documentação e formação dos arquivos escolares como uma prática importante para a constituição da identidade da instituição.

Nas atas de reunião a seguir, sejam administrativas ou de cunho mais pedagógico, é possível perceber que existiu por parte da escola, desde sua fundação, a preocupação com o detalhamento e o registro de informações e/ou assuntos tratados nos encontros, oportunizando que essas informações se tornem acessíveis a quem lê os documentos. Esses documentos revelam que a organização do arquivo é um elemento crucial para a formação de uma memória coletiva. Os documentos são preciosos, pois permitem acessar informações relevantes e que colaboram com a possibilidade de uma maior e melhor compreensão das práticas escolares e de seus pressupostos.

Este tipo de documento foi instituído na escola como meio de comunicação e de memória, possibilitando o acesso quando necessário à informações significativas sobre eventos, situações com alunos ou docentes, encaminhamentos, combinações e decisões importantes para a instituição.

**PROJETO - Escola Maternal e Jardim de Infância**

**ATA DE REUNIÃO**

Data: 21/4/89 Hora: 10 às 12h

Tipo de Reunião: Administrativa

Pessoas Presentes: Meg, Anete, Neca, Beth

---

Assuntos tratados: ① Preocupação administrativa com o funcionamento do dia a dia da Escola (crianças molhadas, situações de perigo, etc) - xecageu em relação à proposta da Escola -> necessidade de aprofundar a proposta, a questão da autonomia; ② Combinação sobre o horário desta reunião a ser feita quinzenalmente, às 5<sup>as</sup> feiras, 17h 30; ③ Combinação a respeito de cursos: a) Literatura Infantil na Pré-Escola (Ana Maria Filipovski) - Anete fazer contato; b) Teatro, Artes Plásticas, Música, Recreação na Pré-Escola (Isabel Sbrás, e outras) - fazer contatos - Beth, Nete, Neca; ④ Decisão sobre o concerto das persianas a ser feito logo; ⑤ Discussão sobre mala direta p/ os cursos, junto com ofício p/ escolas e mala direta p/ divulgação da 1ª série; ⑥ Discussão sobre horários p/ o ano que vem, principalmente d' Meg - importância de vir inteira p/ o Projeto; ⑦ Decisão: campanha de bolas; ⑧ Importância de colocar a questão da conservação dos materiais da Escola em reunião de professores.

Assinaturas: Baldi, LUBE, Neca, Baldi

Figura 10 - Ata de reunião administrativa utilizada nas reuniões de estudo para a preparação do documento chamado PPP- Proposta Político-Pedagógica da Escola Projeto

## PROJETO - Escola Maternal e Jardim de Infância

### ATA DE REUNIÃO

Data: 19/9/89

Hora: 19h30 min

Tipo de Reunião: Com outras Escolas

Pessoas Presentes: Anete, Márcia, Meg, Neca, Magda e Sílvia do Amiguinhos do Verde, Beth.

Assuntos tratados: • Apresentação informal (nome, atividade, formação); • Colocação do objetivo da Reunião: integração, troca de idéias, enriquecimento, entre as Escolas, promoção de eventos, etc; Relato dos Contatos com outras Escolas e reações e interesse (somente a do Juca Travesso declarou que não tem interesse); Proposta da Projeto de Reuniões mensais; Colocação da Sílvia a respeito de uma tentativa anterior de reunir escolas e que não deu certo (fator principal: foi pl o lado da concorrência em relação à parte financeira da escola, remuneração e direitos dos profes, etc); Idéia de delimitar o objetivo dessas reuniões (pedagógico ou administrativo); Apresentação das diretoras do Catavento; Discussão da linha da Reunião - pedagógica ou administrativa; Idéia de listar escolas, até elitizando, para a partir daí definir os rumos do grupo: Rabisco, Esquilo Travesso, Pato, Proe-pe, Trezinho Alegre, João XXIII, Israelita, Carinhoso, União, Moranguzinho, Pinto Calçado, Carrossel, Brincando e Aprendendo, Gente Miúda, Raio de Sol, Bem-me-quer-alegre, Casinha da Rochete, Anjinho, Pequeno Príncipe, Patinho Feio, Roda-Peão, Gaudinho (Bosque Encantado).

• Cowite:

Assinaturas:

Ezaeri

Magda Costa

Sílvia Correia

Elisete Martins

Marta

J. Helkow

Neca Baldi Cardia

Figura 11 - Ata de reunião com outras escolas visando a formação de um Centro de Estudos sobre Educação-frente do documento

• Reunião p/ formação de um grupo de Pré-Escolas  
Reunião das Pré-Escolas p/ formação de um grupo  
inicial p/ definição de objetivos deste grupo  
↳ integração  
discussão de questões de Pré-Escola

Local: Projeto  
Dia: 5ªs feiras / 20/9  
Horário: ~~12h às 13h30~~  
12h às 13h30  
Em nome da Projeto.

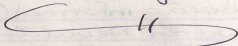



Figura 12 – Ata de reunião com outras escolas visando a formação de um Centro de Estudos sobre Educação-verso do documento


 ATA DE REUNIÃO PEDAGÓGICA

Data: 28/5/91 Hora: 10h

Pessoas Presentes: Helade, Beth, Neca

Assuntos Tratados:

Escola

- Questão presença da Graziela nas reuniões
- Perguntar como está sendo encaminhada a questão da fala.
  - Helade coloca que vai pedir um exame mais minucioso auditivo — pelo que tem observado e a mãe tem falado vêem que ele pode estar misturando os sons;
  - Helade confirma que é um atraso mto sério e o ritmo de evolução é muito lento;
  - Pede p/ observar a relação c/ as outras crianças, pois pelo que a Escola coloca ele está com condutas diferentes aqui, parece estar se socializando;
  - Pensa em indicar um trabalho c/ fonoaudióloga no momento em que ele estiver aceitando um trabalho mais dirigido, que exija + atenção e concentração (atenção auditiva e visual) e condições pessoais de aceitação de mais estímulos por + tempo (15').

Decisões tomadas/Encaminhamentos:

- Reuniões próximas nas 3<sup>as</sup> feiras 17h30 para Graziela poder estar presente.

Assinaturas: Beth Baedi, Hel., Neca Baedi Cardia

Figura 13 – Ata de reunião com especialistas

Esta ata de reunião registra aspectos tratados em encontros cujo objetivo é refletir sobre os alunos com NEE (Necessidades Educativas Especiais). Desde sua fundação, a Escola Projeto teve esse tipo de procedimento. A discussão com especialistas oportuniza uma ampliação do horizonte de análise das possibilidades de trabalho na escola e das necessidades dos alunos especiais. Esses encontros abrem possibilidades de troca de informações, são preciosos instrumentos de

reflexão sobre a problemática dos alunos especiais. Oferece aos professores apoio necessário para o trabalho com esses alunos, dando um suporte importante no sentido de ser sistemático, contextualizado às demandas dos alunos e da escola.

**Projeto** ATA DE REUNIÃO

Data: 5/1/93 Hora: 17h30

Pessoas Presentes: Cida e Beth — x — x —

Assuntos Tratados: ① Avaliação do Trabalho de 92:  
 \* análise do processo de trabalho e da dinâmica que se estabeleceu, a partir de um 1º momento de maior insegurança e necessidade de orientação da profª, até o momento de maior autonomia e independência em que a atuação da supervisora não mais foi tão direta e de intervenção, mas sim de acompanhamento e levantamento de alternativas a partir das situações colocadas pela profª;  
 \* concordam que o trabalho foi mto produtivo, enriquecedor e prazeroso p/ ambas;

② Histórico / Atas de Resultados Finais / Conceitos dos Alunos Finais - conferência;

③ Conversa sobre o Relatório da 1ª série - Cida sugere um roteiro geral a partir dos planos semanais, p/ posterior elaboração do relatório/detalhados;

④ Combinação p/ elaboração dos currículos de 1ª e 2ª séries e reunião sobre o NB

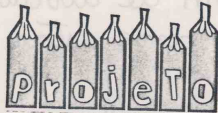
Decisões Tomadas/Encaminhamentos: p/ a semana de 15/1.

Assinaturas: Beth Baldi  
Gláucia Paucida Mendes

Figura 14 – Ata de reunião individual

A ata de reunião também se constitui num documento pedagógico muito significativo, pois nesse tipo de documento é possível observar as ações

implementadas durante a trajetória de acompanhamento e intervenção do coordenador no processo de gestão da sala de aula, por parte do professor e da instituição, do ensino-aprendizagem e da própria formação do professor enquanto profissional. Do mesmo modo, a ata de reunião geral revela o processo coletivo de formação do corpo docente. Nessas atas estão relacionados todos os momentos de


  
**ATA DE REUNIÃO PEDAGÓGICA**

Data: 20/6/91 Hora: 18h

Pessoas Presentes: Annete, Beth, Grazi, Miriam, Marlene, Rosa, Marcia, Deborah

Assuntos Tratados: GRUPO OPERATIVO

- Bilhete festa São João (festa quinta / crianças vêm trajadas / espaço p/ coisas que vão trazer)

- Grazi - coloca a questão do Raul - faz relato das suas reações em relação às diferentes propostas, a sua participação, e pede sugestões de como conseguir + sua participação no trabalho; relata os seus progressos desde o início do ano até agora; as colegas sugerem: que a profª sente com ele para fazer junto algum trabalho que ele tenha mais resistência; que traga algum jogo ou material p/ ele na roda do traz para os outros, tentando envolvê-lo + na roda; foi colocado sobre a última reunião c/ a psicóloga e inclusive sobre a combinação das próximas reuniões c/ ela serem realizadas à tardinha p/ Grazi poder participar; e colocada tb a questão da música, que ele chora - foi comunicado o exame "audiométria" pedido já pela psicóloga à família;

- Marcia - coloca a questão do Felipe - relata conversa c/ a mãe e o histórico da criança, suas reações desde o início do ano e pede sugestões em relação a como tratar as questões da sua agressividade: foi comentado sobre a imaturidade, <sup>insegurança</sup> super-proteção e dificuldade de socialização; sugeriu-se que Marcia continue com sua atitude de firmeza em rel. aos comportamentos agressivos e ao mesmo tempo que procure se aproximar bastante dele, dar-lhe

Decisões tomadas/Encaminhamentos:

Bilhete - reunião de pais 25/6 vai amanhã 21/6

Bilhete de São João vai segunda 24/6

- Lembrar de pedir retorno do exame de audiometria do Raul p/ a psicóloga.

Assinaturas: Beth Baldi, A. Baldi, Miriam Drummond, Deborah, Fischer, Marlene, Rosa, Annete

Figura 15 – Ata de reunião geral



formação e ação pedagógica, no sentido de ser uma prática coletiva, sistemática, em constante transformação. Do mesmo modo que as demais, a ata de reunião individual com as famílias registra o processo de acompanhamento do trabalho por parte da família e das possibilidades de interlocução com este segmento da comunidade escolar.

Assuntos Tratados: Avô notou que, por volta dos 2 anos, ~~desenvolveu~~ e usava nomes, legos, n.º. Por volta dos 3 anos, já lia ris reparados. Todo domingo, o pai vai com ele. memória prodigiosa - Lida com computador. Memória visual e auditiva.

Tem amigos na vizinhança - Convive com a mãe. São os avós que tratam de tudo em relação a ele.

Demonstra interesse por todos os assuntos: política, n.ºs, assuntos diversos. Lê n.º (melhor). Conta em ordem decrescente de 100 a 0. Conta de 5 em 5 e de 10 em 10.

Questões colocadas por mim - trabalho da escola, de uma forma geral. Coloquei, também, a importância da família, espaço e materiais, em casa, para que o Greg desenhe, recorte, creva; afirmei que todas as eqs, no grupo, têm alguns tarefas a cumprir tipo limpar sua mesa após o lanche, manuseio de brinquedos e jogos organizados, etc. Ressaltei a importância do dado e exploração do livro lido, os 6.ºs finais. Verificação, diário

Figura 16 – Ata de reunião individual com as famílias

No registro das avaliações das famílias, enviado para casa e tabulado pelos professores, é possível observar características da escola, ações importantes que foram desenvolvidas, pontos a serem melhor encaminhados e sugestões para contribuir com a instituição, explicitadas pelos pais em suas colocações.




 <p>Escola Maternal e Jardim de Infância CGC 92.325.794/0001-81 RUA PAULINO TEIXEIRA N.º 394 BAIRRO RIO BRANCO</p>	PARECERES DAS FAMÍLIAS - 1º SEMESTRE/90
	NÍVEL A - PROFESSORA : BETH
SOBRE A ESCOLA :	
Aspectos Positivos	
	<p>Atinge os objetivos e expectativas; Tranquilidade e confiança (dos pais); Segurança; Satisfação e alegria (do filho) Satisfatória; Trabalho valioso - em termos de desenvolvimento sócio-psico-cognitivo; Boa; Organizada; Atividades extras - interesse por parte das crianças; Padrões novos de educação;</p>
Sugestões	
	Professor de educação física;
<p>Pareceres das famílias dos seguintes alunos : Antônio, Evandro, Carolina, Rodrigo, Juliana, Elisa, Octávio e Richard</p>	
<p>Não foi levantado nenhum aspecto negativo.</p>	

Figura 17– Registro da tabulação feita pelos professores a partir da avaliação da escola feita pelos pais

Nesse documento se pode ter acesso às impressões que a família possui sobre as práticas pedagógicas da escola e essa visão, por ser complementar, é de extrema importância, no sentido de manter a coerência entre princípios de ação que levam em conta a comunidade escolar.

Pode-se através de um registro como esse perceber como a comunidade escolar está se aproximando da escola, entendendo sua atuação e dando retornos

que servem como referência para as ações que pretende implementar como instituição de ensino

O cronograma de reuniões mensais é um documento elaborado pela escola e distribuído aos professores mensalmente. Partindo desse exemplo, é possível observar que as reuniões têm um caráter de estudo e planejamento.

- DATA -		HORA	TIPO REUNIÃO / ASSUNTO(S)
ESCOLA INFANTIL	1º GRAU		
4/11 (quinta)	4/11	18h-20h	* Estudo Vigotsky - A formação de Conceitos * Planejamento
9/11 (terça)	9/11	18h-20h	* Estudo Vigotsky * Planejamento
16/11 (terça)	16/11	18h-20h	* Estudo Vigotsky * Planejamento
23/11 (terça)	23/11	18h-20h	
30/11	30/11	18h-20h	* Discussão cl Beto (COMPETIÇÃO) /Planejam.

Figura 18 – Cronograma de reuniões mensais-registro dos conteúdos, atividades e ações de formação em serviço da Escola

O tempo das reuniões gerais é sempre dividido entre estudos e planejamento (1h ou 1h30 para cada modalidade). Segundo as dirigentes da Escola Projeto, este aspecto se deve ao fato de acreditarem que a prática pedagógica, sendo sistematicamente refletida, oportuniza um clima de trabalho que se traduz em transformação permanente. Sendo assim, no modelo em questão, se percebe o estudo de um teórico, no caso específico Vygotsky durante o mês de novembro de 1993. Paralelamente aos estudos, os professores planejam as atividades diárias. No final do mês, aparece um momento de reflexão sobre a competitividade, possível demanda emergente que é tratada pela instituição como um outro foco de estudo. Este cronograma oferece aos professores a seqüência de trabalho a ser desenvolvida nas reuniões mensais e ao pesquisador a possibilidade de acesso aos conteúdos que estão sendo desenvolvidos.

A seguir, analiso um material criado e utilizado pela escola para fazer o registro do planejamento do professor. É a chamada planilha de planejamento semanal. Essa planilha é feita semanalmente pelos professores no momento da reunião de planejamento. É um documento importante, pois objetiva as ações do professor, registra o que será proposto e permite o acesso ao plano, por outros professores, pelo coordenador e também pelo pesquisador.

Este tipo de documento é um exemplo de como as práticas escolares podem oportunizar a formação de uma memória coletiva sobre o que é feito pela escola, sobre suas práticas, os conteúdos, as ações, o próprio currículo. Tudo isso pode ser acessado através desse tipo de documento.

Um outro aspecto importante, que se pode inferir a partir disso é que a documentação das práticas oportuniza a formação continuada, pois imprime ao ato educativo a seriedade e o reconhecimento que ele possui, como prática pedagógica, como instrumento de formação e de registro, como memória e documentação. Esse aspecto, do ponto de vista histórico, não tem recebido a devida importância, e portanto não tem sido observado por grande parte das escolas.

PROJETO - ESCOLA Maternal e Jardim de Infância - 1990  
PROGRAMAÇÃO DAS ATIVIDADES SEMANAIS

Nível: Pré-Maternal Professora: Márcia Semanas: de 5/11 a 9/11

UNDA	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
13h 45min	Brinquedo Livre Rodinha	B/L Rodinha	B. Livre Rodinha	B. Livre Rodinha	B. Livre Rodinha
14h 15	Pátio	Pátio	História: O Barco Confeção do Barco (Dramatização)	História: Livro sobre Peixes	Painel de Gravuras Pesquisa em livros Massa de Modelar
14h 45	Higiene e Merenda	Higiene e Merenda	Higiene e Merenda	Higiene e Merenda	Higiene e Merenda
15h 15	Biblioteca	Garagem	Garagem	Biblioteca	Biblioteca Garagem
16h 15	Sala de Artes (painel)	Observação do Peixe (dúvidas, comentários) Água doce e salgada (experimentamos cada uma)	Desenho das brincadeiras na Garagem	Filme: Bambi Atividade com tinta caseira	Biblioteca Garagem
16h 45	Sala de Teatro (relacionar as histórias-relembrar, escolher a história e do preferir, a que mais gostou) Confeção das Máscaras Rodinha Final	História: O barco Desenho da história Pátio Higiene Rodinha Final	Massinha de Modelar Brincadeiras:	Brincadeiras e o barco "La vai minha barquinha"	História: O Peixe Pixote Dramatização
17h 15			A canoa virou Caranguejo n e peixe Roda de Música		Roda de Música

Figura 19 – Grade de planejamento semanal feita pelos professores

As planilhas, ao longo dos anos, foram se transformando. De simples grades esquemáticas nas quais os professores registravam palavras chave relacionadas às atividades e momentos da rotina, a planos semanais compostos por grades e um texto descritivo o qual é chamado de detalhamento. Nas grades, agora digitalizadas, aparecem os espaços e tempos pedagógicos. Na parte chamada de detalhamento aparecem as descrições de atividades, modelos de tarefas, temas, perguntas e questionamentos do professor aos alunos e do coordenador ao professor. Esses documentos fazem parte de um conjunto de arquivos, juntamente com os projetos e seqüências de trabalho, constituindo o corpo de documentos que forma a memória das práticas educativas e de formação docente. Esses documentos podem ser chamados de diários de classe e representam um acervo de ações pedagógicas denso no sentido de que registram e organizam as diferentes ações do professor como consignas, textos, nome de atividades, músicas, livros, contextos de projetos, eventos realizados, encontros entre turmas, atividades especiais com familiares entre outros. São registros bem detalhados das práticas pedagógicas. Os professores utilizam esses registros como uma fonte de reflexão e de novos conhecimentos. Pelo fato de serem digitalizados representam também um grande avanço em termos de formas de trabalho, pois permitem uma maior agilidade no processo de planejamento, sendo importantes pontos de partida, foco de torças entre os docentes (um docente pode fornecer a outro suas reflexões e registros); há uma garantia de que as práticas não se perdem ao longo dos anos.

Nesses documentos pode-se visualizar a profunda e complexa relação do trabalho do coordenador pedagógico com o professor, em uma triangulação de ações muito significativa que passa pelo olhar do professor, do coordenador e pelas ações dos alunos. Nesse intercâmbio de olhares e de ações, o processo dialógico de construção de conhecimentos se instala. Tanto os alunos, como os professores e os coordenadores aprendem juntos. Através desse tipo de documento o pesquisador pode identificar elementos dessa relação triangular, analisando as etapas e os tipos de ações mais significativas.